



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
CAMPUS BENFICA
CURSO DE PEDAGOGIA**

Sâmya Cristiane Alexandre Sales

Relatos de alunos-trabalhadores: impactos no bem-estar físico e psicológico do indivíduo em formação profissional docente.

**Fortaleza – CE
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S155r Sales, Samya Cristiane Alexandre.
Relatos de alunos- trabalhadores: impactos no bem-estar físico e psicológico do indivíduo em formação profissional docente. / Samya Cristiane Alexandre Sales. – 2022.
45 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. Ronaldo de Sousa Almeida.
1. Aluno-trabalhador. 2. Formação Inicial. 3. Dificuldades enfrentadas. I. Título.

CDD 370

Sâmya Cristiane Alexandre Sales

Relatos de alunos-trabalhadores: impactos no bem-estar físico e psicológico do indivíduo em formação profissional docente.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como exigência parcial para obtenção do diploma em Pedagogia, sob orientação do Prof. Dr. Ronaldo de Sousa Almeida

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr.º Ronaldo de Sousa Almeida - Orientador
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.ª Dr.ª Ingrid Louback de Castro Moura - Examinadora
Universidade Federal do Ceará

Prof.ª Dr.ª Vanessa Campos de Lara Jakimiu - Examinadora
Universidade Federal do Ceará

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por nunca terem medido esforços para me proporcionar a melhor Educação ao nosso alcance durante todo o meu período escolar.

À minha mãe que foi mais que uma avó, dividindo comigo as lutas diárias da maternidade para que eu pudesse dar continuidade à minha formação.

Ao meu noivo, Felipe, por quem sou completamente apaixonada, por toda compreensão e companheirismo nessa árdua jornada que foi escrever esse trabalho.

Ao meu filhotinho, Belchior, que chegou sem pedir licença no meio da minha formação e que mesmo tão neném, parece compreender a importância da sua chegada na minha vida, me transbordando de carinho.

Ao meu orientador Prof. Ronaldo Almeida, que conduziu o trabalho com paciência e dedicação, sempre disponível a compartilhar todo o seu vasto conhecimento.

À minha querida amiga e mãe do Vitinho, Profa. Ingrid Louback que foi uma das professoras que mais me marcaram durante todo o curso por toda sua doçura e exigência na mesma medida e aceitou o convite para compor minha banca de defesa.

À incrível professora e coordenadora do Curso de Pedagogia noturno Profa. Vanessa Jakimiu por ter aceitado compor minha banca de defesa dessa pesquisa tão relevante para a comunidade acadêmica.

Aos meus colegas de turma, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo deste percurso.

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

*“A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega o destino pra lá.”
Roda viva - Chico Buarque*

PREFÁCIO

Para melhor compreensão da relevância desta pesquisa, acho importante dar o contexto histórico da época que estamos vivenciando. Estamos no quarto ano de um vírus que assola o povo brasileiro, chegou como um cavaleiro do apocalipse trazendo morte e miséria, principalmente aos mais necessitados, somado a isso a Pandemia da COVID-19 que de acordo com o Painel Coronavírus do Sistema único de saúde (SUS), em quatro anos, matou no Brasil 690.124 cidadãos¹.

A política está passando por uma transição, já que faz dois meses que Luiz Inácio Lula da Silva derrotou nas urnas Jair Messias Bolsonaro, o atual Presidente, com uma diferença de quase dois milhões de votos no segundo turno².

Enquanto finalizo os últimos detalhes desta pesquisa monográfica, um direito garantido a duras penas e essencial para a permanência de centenas de estudantes universitários lhes foi tirado. Em 07 de Dezembro de 2022 a Reitoria da Universidade Federal do Ceará (UFC) confirmou o bloqueio do orçamento destinado ao CAPEs inviabilizando os pagamentos de bolsas acadêmicas, restaurantes universitários, contratos de transporte, aquisição de passagens aéreas e de insumos para atividades acadêmicas e administrativas dentre outros custos³.

Muitos cortes foram feitos durante esses quatro anos pelo Governo Federal, em todas as áreas, mas especialmente na Educação. Não dar aos estudantes as condições necessárias para permanecerem na Universidade é negar ao povo, principalmente aos mais pobres, o direito à um ensino público e de qualidade.

¹ Dados atualizados em 05/12/2022 às 12:23h. Disponível em <https://covid.saude.gov.br>. Acesso em 07 de dezembro de 2022.

² Informação de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Disponível em <https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/m/eleicao/resultados>. Acesso em 07 de dezembro de 2022.

³ A Comunidade acadêmica demonstra apreensão quanto ao pagamento dos auxílios que garantem a permanência de muitos estudantes na Universidade. Disponível em <https://www.opovo.com.br/noticias/economia/2022/12/07/ufc-confirma-corte-e-suspende-bolsas-transporte-e-restaurantes.html>. Acesso em 07 de dezembro de 2022.

RESUMO

O presente trabalho objetiva compreender como a relação aluno-trabalhador versus formação inicial afeta o bem-estar físico e psicológico do indivíduo em formação profissional docente. Este trabalho nos convida a uma reflexão sobre as maiores dificuldades enfrentadas pelo aluno-trabalhador para concluir a formação inicial, sua participação nas atividades promovidas pela Universidade e de como lidam ao se depararem com situações de impasse entre o trabalho e a Universidade. Este trabalho se ampara em pesquisa bibliográfica, onde a fundamentação teórica se ampara em teóricos como Freitas (2009); Nogueira e Catani (2007); Bourdieu (2007). Esses comentam a naturalização do fracasso acadêmico generalizado da classe trabalhadora que diferente dos mais abastados não possui os privilégios, nem aptidões para competir no mercado acadêmico do Brasil. A pesquisa tem caráter exploratório e qualitativo, as observações registradas em diário de campo deram as informações necessárias para elaborar o questionário com perguntas subjetivas e a análise do seu resultado indicou a necessidade de realizar entrevistas para aprofundar ainda mais as dificuldades dos sujeitos. Os resultados mostram que a sobrecarga imposta pela rotina exaustiva de trabalhar e estudar, somadas às burocracias excludentes da Instituição pública, são causadores de ansiedade, cansaço e outros problemas ao bem-estar físico e psicológico do indivíduo. Conclui-se que é necessário rediscutir, junto à comunidade acadêmica, medidas concretas para minimizar os impactos negativos advindos de processos burocráticos e pedagógicos que seguem dificultando a formação de estudantes trabalhadores.

Palavras-chave: Aluno-trabalhador; Formação Inicial; Dificuldades enfrentadas.

ABSTRACT

The present work aims to understand how the student-worker relationship versus initial training affects the physical and psychological well-being of the individual in professional teacher training. This work invites us to reflect on the greatest difficulties faced by the student-worker to complete initial training, their participation in activities promoted by the University and how to deal with an impasse between work and the University. This work is based on bibliographical research, where the theoretical foundation is argued in theories such as Freitas (2009); Nogueira and Catani (2007); Bourdieu (2007). These comment on the naturalization of the generalized academic success of the working class, which, unlike the more affluent, does not have the privileges or skills to compete in the academic market in Brazil. The research has an exploratory and qualitative character, the observations registered in the field diary provided the necessary information to elaborate the classes with subjective questions and the analysis of its result indicated the need to carry out interviews to get even more the difficulties of the subjects. The results show that the overload imposed by the exhausting routine of working and studying, added to the exclusionary obligations of the public institution, causes anxiety, fatigue and other problems to the individual's physical and psychological well-being.

Keywords: Student-worker; Initial training; Difficulties faced.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. REFLEXÕES INICIAIS SOBRE A TRAJETÓRIA DE ALUNOS- TRABALHADORES: DESAFIOS ENFRENTADOS NA CAMINHADA.....	12
2.1 Origem da Ralé estrutural.....	12
2.2 As disposições para ter sucesso na Universidade.....	14
2.3 Contribuições da má-fé institucional para o fracasso acadêmico.....	15
3. O RECORTE METODOLÓGICO E A ANÁLISE DAS FALAS DOS SUJEITOS.....	18
3.1 Análise do questionário.....	19
3.2 Análise das entrevistas.....	34
4. CONCLUSÃO.....	40
5. REFERÊNCIAS.....	42
ANEXO I – QUESTIONÁRIO.....	44
ANEXO II – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	45

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico discute as principais dificuldades enfrentadas por alunos que precisam encontrar meios para conciliar a vida acadêmica com as longas e, muitas vezes, exaustivas jornadas de trabalho e ainda por cima enfrentar as burocracias institucionais. Dessa forma, esta pesquisa visa problematizar as relações interpostas entre formação docente inicial de quem já se encontra no mercado de trabalho, levando em consideração a saúde física e mental dos sujeitos da pesquisa que além da necessidade de capital econômico por meio da sua mão de obra para sobreviver, enxergam na formação profissional uma chance de melhoria da qualidade de vida, porém precisam lutar diariamente para permanecer.

As dificuldades enfrentadas pelo aluno trabalhador é um tema bastante pesquisado por Universidades, geralmente com resultados bastantes preocupantes para quem tem interesse em estudar as causas da evasão⁴ acadêmica. Porém, falando da Universidade Federal do Ceará, não identificamos nenhuma ação efetiva para corrigir tal situação. Por isso, acredito que minha motivação para essa pesquisa seja bastante pessoal, por estar lutando para vencer esse obstáculo que tenta me derrubar todo semestre e por ter visto uma quantidade razoável de colegas caindo para esse problema que já deveria ter sido superado.

Como aluna trabalhadora, me sinto no lugar de fala para questionar esse obstáculo que os estudantes precisam enfrentar diariamente para não se evadir da Universidade. Tempo de conclusão além do previsto, se distanciar da turma inicial, chegar atrasado nas aulas, ter mais faltas do que deveria, não poder fazer disciplinas optativas interessantes por conta do turno, ter dificuldade em fazer os estágios obrigatórios... São apenas algumas das dificuldades enfrentadas pelo aluno trabalhador.

No caso dos Estágios obrigatórios da Universidade Pública, o Governo Federal, além de não oferecer nenhum suporte financeiro para permitir que os alunos frequentem essa atividade acadêmica NÃO remunerada, ainda é exigido uma variedade de requisitos que uma quantidade significativa de alunos não conseguem se enquadrar, como por exemplo não superar o limite de 30h semanais para estágios obrigatórios ou não obrigatórios, não há divisão e nem flexibilidade para os alunos que já conquistaram a difícil missão de conseguir atuar na área como estagiário, enquanto estudantes em formação.

⁴ Ação de abandonar algo; desistência, abandono: evasão escolar. (RISCO, 2022) Tal fato deve ser analisado em sua complexidade, uma vez que múltiplas fatores impulsionam o abandono dos estudantes aos processos formais de educação.

Meu desejo de ser educadora surgiu ainda criança, mesmo tendo uma Educação básica conturbada, por conta de bullying e outros obstáculos escolares, sempre fui uma criança curiosa e sedenta por conhecimento, e por volta dos 12 anos comecei a dar aulas particulares de reforço para as crianças menores da minha rua, além de ajudar meus colegas de sala, principalmente com Matemática. Acredito que essa seja a base da minha escolha profissional.

Pedagogia era a minha primeira opção e alcancei esse objetivo depois de uma graduação particular em Administração que conclui em 2016.2 através do Programa Universidade para Todos (Prouni), se não fosse por essa bolsa integral não teria condições de arcar com os custos de um ensino superior particular, muito menos meus pais. Ingressei em Pedagogia em 2017, através do Sistema de Seleção Unificada (SISU), graças a nota da Redação, 920, o que aumentou bastante a minha média. Vencida mais que a metade da graduação, engravidei. No mesmo período que estourou a pandemia do COVID 19, o ensino remoto quase me fez desistir do curso, pois meus recursos eram precários para essa modalidade, mas a maternidade me deu forças para continuar, me formar e ter uma profissão que, possibilite segurança para criar meu filho, foi com certeza a maior potencialidade que me fez continuar nessa trajetória árdua que é a vida acadêmica.

Tanto na minha graduação anterior como na atual a maior dificuldade sempre foi conciliar trabalho com os estudos. Comecei a trabalhar muito jovem, para integrar a receita familiar, e por isso nunca pude vivenciar a rotina acadêmica verdadeiramente. Lembro que os professores dos primeiros semestres e os veteranos inclusive sugeriam que fossemos mais ativos possíveis na vida acadêmica, participando de bolsas de monitorias, PIBID e Centro Acadêmico, pois isso possibilitaria um almejado Mestrado. Mas essa nunca foi minha realidade, sempre dividida entre cumprir a carga horária do emprego e não se atrasar para a Faculdade, me vi desamparada pela Universidade que não me dava opções senão pedir demissão para cumprir o Estágio obrigatório e assim cheguei ao tema desse trabalho.

Por isso a escolha dessa temática é tão relevante em uma sociedade onde a educação não é a prioridade, ou melhor, não é a realidade de uma grande parte da população que precisa submeter-se a horas substanciais de trabalho para manter a sobrevivência. E como não encontram flexibilidade na instituição de ensino superior para conseguirem permanecer sem grandes prejuízos financeiros ou psicológicos, já que por mais que frequentem as aulas no turno noturno, que deveria ser um alento para o aluno-trabalhador, irão se deparar, em algum momento do período de graduação, com algumas dificuldades que o impedirão de continuar a trajetória acadêmica sem viver um impasse com o trabalho. Seja uma disciplina optativa que

não é ofertada no turno da noite, ou pior, atividades como Estágio supervisionado obrigatório e atividades complementares oferecidas pela Universidade que não acontecem no turno noturno.

Para isso perguntas foram feitas, quais as maiores dificuldades encontradas pelo aluno - trabalhador? Como é a participação desse aluno-trabalhador nas atividades promovidas pela instituição de ensino? Como lidam ao se depararem com uma situação de impasse trabalho X universidade? A Questão de pesquisa, como a relação estudo-trabalho e as burocracias para a formação inicial afetam o bem-estar físico e psicológico dos estudantes no seu processo de formação profissional?

Portanto os objetivos específicos dessa pesquisa são identificar as maiores dificuldades encontradas pelo aluno-trabalhador; registrar e analisar como é a participação desse aluno-trabalhador nas atividades promovidas pela Universidade; relatar como lida o aluno-trabalhador ao se deparar com uma situação de impasse trabalho X Universidade. Enquanto o objetivo geral é compreender como a relação aluno-trabalhador versus formação inicial afeta o bem-estar físico e psicológico do indivíduo em formação profissional docente.

Do ponto de vista do objetivo que é compreender como a relação aluno-trabalhador versus formação inicial afeta o bem-estar físico e psicológico do indivíduo em formação profissional docente, o método de pesquisa utilizado foi o exploratório já que o objetivo de uma pesquisa com abordagem exploratória é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado (GIL, 2008). Como recursos metodológicos para coleta de dados, foram utilizados: (1) o diário de campo para registro de conversas informais a partir das observações feitas ao decorrer da pesquisa no Campus de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará com os alunos do turno Noturno; (2) seguido por um questionário através do *Google Forms* que foi compartilhado nos grupos de *WhatsApp* dos alunos, contendo 13 (treze) perguntas subjetivas para que o sujeito da pesquisa tivesse maior liberdade em apresentar suas maiores dificuldades para concluir o curso, levando em consideração os alunos que além das responsabilidades acadêmicas precisam lidar também com o mercado de trabalho; (3) para acessar ainda mais os sentimentos dos alunos prejudicados com a cansativa rotina de estudar e trabalhar, foi realizado também, entrevistas com três alunos-trabalhadores, escolhidos a partir das respostas do questionário que expressaram maiores dificuldades para realizar a atividade de Estágio supervisionado obrigatório. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas para análise. Vale ressaltar que o entrevistador não é neutro ou passivo, já que com suas perguntas participa

e guia a entrevista, além de preparar o roteiro e selecionar os temas a serem abordados. (RESENDE, 2008).

O trabalho tem por base teórica as contribuições de Freitas (2009); Nogueira e Catani (2007); Bourdieu (2007). Utilizando conceitos como *ralé* estrutural, má-fé institucional e violência simbólica, em resumo, busca desmascarar a naturalização do fracasso acadêmico generalizado da classe trabalhadora que diferente dos mais abastados não possui os privilégios, ou melhor, as *disposições*⁵ necessárias para competir no mundo acadêmico no Brasil.

A divisão do trabalho foi estruturada da seguinte forma: após essa profunda introdução, inicia o segundo capítulo para fundamentação do trabalho, com reflexões sobre a trajetória dos alunos-trabalhadores e os desafios enfrentados na caminhada, dividida em três sub tópicos para melhor entendimento do leitor: origem da *Ralé* estrutural; as disposições para ter sucesso na Universidade e as contribuições da má-fé institucional para o fracasso acadêmico. O terceiro capítulo é reservado para a análise das falas dos sujeitos, também em sub tópicos, o primeiro para analisar o questionário e segundo para analisar as entrevistas. Para finalizar, o quarto capítulo para conclusão.

⁵ “Modo de pensar, agir e sentir adquiridos espontaneamente pela socialização.” (FREITAS, 2009, P.2)

2. REFLEXÕES INICIAIS SOBRE A TRAJETÓRIA DE ALUNOS-TRABALHADORES: DESAFIOS ENFRENTADOS NA CAMINHADA

Neste capítulo, levantamos algumas reflexões sobre a trajetória de alunos que precisam trabalhar enquanto estudantes para sobreviver e os desafios enfrentados nessa trajetória. Dividido em três subtópicos, inicialmente tratamos da Origem do que Freitas (2009) chama de Ralé estrutural, suas raízes históricas marcadas por trabalho escravo e segregação e como mesmo com um novo padrão de dominação e as mais contemporâneas ações afirmativas para diminuir as desigualdades sociais, ainda há um grande peso atuando contra esse grupo de indivíduos.

Dando sequência então ao segundo subtópico, discutimos as *disposições*, ou seja, aptidões e habilidades necessárias para obter o sucesso na Universidade. Trazendo reflexões acerca do senso de meritocracia e privilégios existentes, porém mascarados, em nossa sociedade.

Para finalizar o capítulo de referencial teórico, abordamos as contribuições da má-fé institucional para o fracasso escolar desses indivíduos pertencentes a ralé estrutural, por meio da violência simbólica e como os impactos dessa transferência de responsabilidade afeta esses indivíduos menos favorecidos. Dando uma atenção especial à importância do profissional de Educação como modificador dessa realidade cruel.

2.1 Origem da Ralé estrutural

Sabe-se que a consolidação do Sistema Capitalista causou impactos socioeconômicos na população, principalmente aqueles com recursos financeiros mais precários ou em total miséria. Os indivíduos, antes escravizados, já despossuídos de dignidade e segregados às margens da sociedade que segundo Franco apud Freitas (2009) somavam 2/3 da população nacional no século XX, excluídos por conta de sua inutilidade para qualquer posição nesse sistema ou em qualquer outro. Marginalizados e deixados à própria sorte, essa grande massa de inadaptados, compõem a Ralé estrutural. (FREITAS, 2009)

Tem-se então a redefinição do destino daquela população de dependentes, antes agregados e escravos, hoje todos formalmente livres e igualmente condenados, pelo mesmo processo e pré-condições sociais, à condição de miséria e dependência extremas: a naturalização da desigualdade em condições impessoais de dominação própria às modernidades periféricas. (FREITAS, 2009, p.02)

Essa classe social desprovida de capital econômico e segundo Freitas (2009, p.04) “condenada a trabalhos marginais, de baixa remuneração, irregulares e nas franjas da produção capitalista”, muitas vezes é impossibilitada, pela desigualdade social, de ter acesso à Educação superior, que deveria ser a oportunidade de promover uma ascensão social oferecendo qualificação para o mercado de trabalho. E vencer essa batalha, não significa vencer a guerra, já que a segregação interna do sistema educacional mascarado por critérios neutros merecidos e alcançáveis por qualquer indivíduo levantam muros que dificultam a permanência dessa classe na Instituição de ensino, já que de acordo com Nogueira e Catani (2007, p.13) “a escola segue pois excluindo mas hoje ela faz de modo bem mais dissimulado, conservando em seu interior os excluídos, postergando suas eliminações, e reservando a eles os setores escolares mais desvalorizados.”

Mesmo a aplicação de políticas públicas afirmativas para reparação das injustiças históricas, como cotas raciais e sociais para ingresso no ensino superior, não garante a permanência da “ralé estrutural” na Universidade, já que essa classe social é marcada por um “habitus precário” que de acordo com Souza (2003) é entendido por um setor que não foi capaz de se adaptar às novas demandas produtivas e sociais do mundo moderno, principalmente quando o sistema de ensino, já dizia Bourdieu segundo Freitas (2009, p. 2) “cumpre a função de consagração da ordem social, função que ele preenche sob o manto da neutralidade”, privilegiando o sujeito detentor das disposições características do “habitus primário” que falaremos adiante.

Dessa forma, em uma sociedade onde o sistema econômico é selvagem, tratar os sujeitos com igualdade já não basta, é preciso haver equidade pois é significativo o peso da instituição escolar na vida das pessoas e as consequências dessa vivência no processo de transmissão da herança familiar e “seus efeitos de mudança nas posições e disposições dos agentes incidem poderosamente sobre a construção das identidades individuais”. (NOGUEIRA E CATANI, 2007) e, a pressão psicológica e os impactos financeiros que sofre esse indivíduo nessa busca por educação superior é o foco dessa pesquisa já que segundo Ferreira e Barros (2018) “tem-se um embate de desejos (sentimentos): a vontade *versus* a impossibilidade de se formar”.

Junto com o novo padrão de dominação surge o paradigma social sobre quem deve ser considerado digno e é sobre essas disposições que caracterizam o novo “habitus primário” que falaremos a seguir.

2.2 As disposições para ter sucesso na Universidade

O senso de meritocracia pregada pelo sistema educacional é uma violenta falácia, como já dizia Freitas (2009, p.1) “as aptidões e habilidade que ele reconhece como legítimas e sobre as quais se pauta para selecionar e aprovar pessoas na competição social é condicionado pela origem social dos indivíduos, mas aparecem a todos – e à própria escola – como sendo critérios neutros e alcançáveis por qualquer indivíduo”.

Quando na realidade são exigidos, pelas instituições educacionais, que tratam como “dom” ou mérito individual, características específicas que são distribuídas de acordo com a classe social. Esse “habitus primário” com seu conjunto de modo de pensar, agir e sentir adquiridos a partir dos processos de socialização são definidos por Bourdieu (2007) como *disposições*, que no caso da raiz estrutural marcada pelo “habitus precário” também é precário.

Esta classe ocupa massivamente as nossas instituições públicas de ensino básico, sem, contudo, contar com as disposições que estas instituições requerem para um desempenho bem-sucedido, o que resulta no fracasso escolar generalizado, característica histórica de nosso sistema público de ensino. (FREITAS, 2009, P.2)

As principais características que fazem dessas disposições o “habitus primário” digno desse sistema que tem como base hierárquica a produtividade e a utilidade social do indivíduo são a disciplina, flexibilidade, concentração, autocontrole, responsabilidade por si e cálculo prospectivo. (SOUZA, 2003) Escolhendo uma dessas características aleatoriamente, é possível que seja, respectivamente, também característica do “habitus precário”? Levando em consideração Freitas (2009, p.3)

Classe social que, além de escasso capital econômico, não possui quase nenhum gênero de capital cultural incorporado, conta com fracas disposições para o autocontrole, disciplina e concentração para os estudos, além de não possuir uma percepção temporal ordenada em função de um plano de vida racional, dentro da lógica do cálculo e previsão.

É importante ressaltar que segundo Nogueira e Catani (2007, p. 42) “a ação do meio familiar sobre o êxito escolar é quase exclusivamente cultural” já que ainda segundo Nogueira e Catani (2007, p. 46) “O privilégio cultural torna-se patente quando se trata da familiaridade com privilégio cultural, a qual só pode advir da frequência regular ao teatro, ao museu ou a concertos”, pois a instituição deve ser uma extensão do capital cultural trazido de “casa” do seu meio familiar, senão os esporádicos momentos culturais oferecidos pelas instituições acabam criando um estranhamento à realidade vivida pelos jovens menos favorecidos, mas pertencentes, também, a esse campo social.

Dito isto, parece impossível a esses indivíduos uma boa relação com o campo acadêmico, o que desagua em um círculo vicioso que condena toda uma classe a trabalhos

marginais com baixa remuneração, muitas vezes, irregulares e no nível mais inferior da produção capitalista. (FREITAS, 2009) A necessidade obriga esse indivíduo priorizar a renda adquirida com árdua mão-de-obra, não sobrando tempo para os estudos devido à longa carga horária e fadiga do trabalho pesado.

Enquanto isso, a pequena burguesia lota às salas de aula das universidades, especialmente as públicas, dando prioridade aos cursos de maior “prestígio social” para conservar o capital econômico, mas também para alcançar o status social cobrado por seus pais que já o alcançaram, diferentemente do sujeito oriundo das classes proletárias que são duplamente prejudicados, sabendo da dificuldade em ter acesso a cultura e ainda incorporá-la. Sobre a relação familiar do sujeito que se aventura em trabalhar e estudar, segundo Nogueira e Catani (2007, p. 48) “devem à sua família não só os encorajamentos e exortações ao esforço escolar, mas também um *ethos* de ascensão social e de aspiração ao êxito na escola e pela escola, que lhes permite compensar a privação cultural com a aspiração fervorosa à aquisição de cultura”.

Por isso, quando um filho de proletário entra na Universidade, vira notícia. Enquanto as chances reais de um jovem da camada superior chegar ao ensino superior são quarenta vezes maiores. (NOGUEIRA E CATANI, 2007) Por não se preocupar com o capital econômico, seu e de sua família, pois os pais já o conquistaram, esse jovem tem a disponibilidade e a disposição para alcançar as *disposições* consideradas necessárias para o sucesso acadêmico. Já o jovem que os pais, geralmente, nem concluíram a educação básica, precisa fazer malabarismo para conciliar o trabalho (essencial) e a educação (almejada).

As consequências para o bem-estar físico e psicológico desse indivíduo podem ser medidas pela sensação de fracasso e insuficiência, depositados sob sua responsabilidade por um sistema educacional meritocrata que pratica a violência simbólica a partir da má-fé institucional que veremos a seguir.

2.3 Contribuições da má-fé institucional para o fracasso acadêmico

Um possível modificador dessa realidade perversa, é o professor que ao desempenhar um papel de conselheiro e levar em consideração a origem social de seus alunos, pode amenizar e até corrigir essa sensação de fracasso escolar, criado pelos altos padrões de resultados escolares. (NOGUEIRA E CATANI, 2007) Se não fosse a má-fé institucional.

A instituição escolar, ao se deparar, com os sujeitos que não possuem tais *disposições* e, por isso, se sentem “fracassados” com os resultados escolares, agem diariamente, de forma estrutural e sem se dar conta, de acordo com Freitas (2009, p.8) “como um dos principais fatores para a manutenção da naturalização da desigualdade social brasileira”, já que em vez de estimular a disciplina e a criticidade dos sujeitos, no Brasil segundo Freitas (2009, p. 7) “a maior parte das instituições públicas de ensino básico funciona de forma similar às instituições carcerárias”.

Dessa forma os indivíduos que compõem a ralé estrutural têm dificuldades em estabelecer uma boa relação com o mundo escolar, e essa dificuldade é consequência da precariedade social enraizada em sua configuração familiar, que não consegue criar as condições necessárias para que esse indivíduo desenvolva as *disposições* essenciais para essa relação afetiva com o conhecimento escolar. E para reafirmar e aprofundar essa deficiência, temos a má-fé institucional que de acordo com Freitas (2009, p. 5) “por meio de suas práticas cotidianas, age no sentido de individualizar o fracasso, responsabilizando o aluno por ele, reproduzindo nele baixa auto-estima, culpa, auto-desprezo e desesperança de si”, é possível também acrescentar os inúmeros reconhecimentos por meio de premiações, como é o caso do *Suma cum laude* que no contexto acadêmico é destinado a alunos que demonstraram um histórico de desempenho excepcional.

A definição de Má-fé institucional para Rocha apud Freitas (2009, p. 5) é:

Um padrão de ação institucional que se articula tanto no nível do Estado, através dos planejamentos e das decisões quanto à alocação de recursos, quanto no nível micro-poder, quer dizer, no nível das relações de poder cotidianas entre os indivíduos, que dependendo do lugar que ocupam na hierarquia social, podem mobilizar de forma diferente os recursos materiais e simbólicos que as instituições oferecem.

Dito isso, cabe o conceito Bourdieusiano *violência simbólica*, já que as técnicas de poder utilizadas pelas instituições para punir os indivíduos por não serem disciplinados é notoriamente típico da desigualdade de classe, e como Rocha apud Freitas (2009, p. 6) bem pontua, “essa violência institucionalizada contra determinadas classes de pessoas não se deve apenas à incapacidade das técnicas de poder empregadas para gerarem processos efetivos de internalização de normas, mas também é motivada pelos conflitos morais e materiais entre as classes”.

Como exposto anteriormente, não basta a ralé estrutural chegar às salas de aula das Universidades, pois mesmo com a “democratização escolar” as classes populares, antes excluídas e sem compreender a ideologia da “escola libertadora”, descobrem no ensino superior, enfrentando a segregação e a eliminação, uma educação, muitas vezes, conservadora.

(NOGUEIRA E CATANI, 2007). O sentimento de desilusão, afeta a trajetória acadêmica e, conseqüentemente, profissional.

Os impactos da atribuição de responsabilidade individual às pessoas fadadas ao insucesso escolar devido à sua classe desfavorecida por conta das desigualdades sociais resultam, além de todas as deficiências sociais já ditas, também o conformismo político, posto que assumindo a responsabilidade pelo seu fracasso, não consegue enxergar a própria ordem social que o desfavorece. (FREITAS, 2009)

Já os impactos dessa desilusão escolar para a Sociedade são vistos por Nogueira e Catani (2007, p. 163) como “uma desilusão coletiva que incita essa geração enganada e desiludida a estender a todas as instituições a revolta mesclada de ressentimento que lhe inspira o sistema escolar”. Portanto, o ciclo vicioso de desigualdade social de oportunidades atinge não só os indivíduos pertencentes da ralé estrutural, mas a sociedade em geral a partir das relações de trabalho.

3. O RECORTE METODOLÓGICO E A ANÁLISE DAS FALAS DOS SUJEITOS

Segundo Prodanov e Freitas (2013) a Metodologia é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade.

Deste modo, a abordagem da pesquisa proposta é qualitativa, pois o processo de condução de investigação acontece como um diálogo entre o investigador e os sujeitos da pesquisa e por atender as cinco características que definem uma investigação qualitativa que são: o investigador frequentar o local de estudo por se preocupar com o contexto da pesquisa; Os dados coletados são em formato de texto e imagens, e não números; A ênfase é no processo; A análise de dados ocorrerá de forma espontânea, sem hipóteses pré-concebidas; O maior interesse é a perspectiva dos participantes. (BOGDAN; BICKLEN, 1994)

A escolha da abordagem é justamente para respeitar a subjetividade da problemática e a construção da análise dos dados encontrados a partir das respostas dos sujeitos participantes da pesquisa. A partir de um profundo levantamento bibliográfico, demos início a observação do campo de pesquisa que será a Universidade Federal do Ceará. Foi investigado o cotidiano de universitários do curso de Pedagogia, incluindo o investigador para uma pesquisa etnográfica.

Se, por um lado, o antropólogo-formador é convidado a compreender criticamente as culturas que compõem as instituições educacionais, estas mesmas que legitimam a função social do próprio pesquisador, por outro, a partir do vínculo com estas instituições, vê-se conduzido a realizar a tarefa que lhe cabe, como docente, na composição da ordem institucional: formar profissionais, às vezes futuros professores, a partir de critérios, condições e ideais derivados das formas específicas como as políticas educacionais se concretizam nos estabelecimentos aos quais estão afiliados. (SALES; BESERRA, 2019, P. 376)

Para aproximar-se ainda mais do aluno-trabalhador que é o objetivo da pesquisa, os procedimentos de coleta de dados, como observação com diário de campo, entrevistas e questionários, se restringiram ao turno Noturno já que segundo Maranhão e Veras (2017) pesquisas sobre o Ensino Superior noturno mostram que o elemento comum entre elas é o fato de a maioria dos pesquisados ser trabalhador, independentemente de exercer uma atividade trabalhista em tempo parcial ou integral.

O passo a passo da coleta de dados será, inicialmente, a observação com diário de campo dos indivíduos em formação docente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará,

apenas do turno Noturno, para a partir disso ser formulado um questionário apenas com perguntas subjetivas através do aplicativo online *google forms* e compartilhado nos grupos de Pedagogia. A análise das respostas, enfocou nos que responderem “noturno” à questão turno e buscou compreender as maiores dificuldades encontradas pelo aluno-trabalhador, a sua participação nas atividades promovidas pela Universidade e como ele lida ao se deparar com uma situação de impasse trabalho X Universidade, objetivos específicos desta pesquisa.

Enquanto o questionário circulou virtualmente entre os sujeitos da pesquisa, foram convidados para uma entrevista os respondentes da questão que perguntava sobre a experiência com a atividade de Estágio Supervisionado obrigatório, e três alunas se destacaram com os relatos de maiores e variadas dificuldades para concluir essa obrigatoriedade por conta da atividade remunerada exercida. Para observar de forma mais pessoal os sentimentos que carregam esses indivíduos neste momento que é um dos mais desafiadores da vida acadêmica, assim como suas dificuldades ou predisposições para cumprir esse requisito, a entrevista aconteceu por meio de uma reunião online gravada, com um roteiro pré-estabelecido focado nas burocracias dessa atividade obrigatória. Sempre enfatizando o aluno-trabalhador como sujeito principal desta pesquisa.

No artigo **Uma análise do discurso do aluno trabalhador acerca de sua evasão: caso específico do curso de matemática da UEM**, Ferreira e Barros (2018) puderam captar com as entrevistas, discursos preocupados com essa relação trabalhador/aluno vinda de pesquisadores da área da educação, já que há na universidade professores e alunos que normalizam essa evasão. Relacionando com a temática desta pesquisa, é notável essa “romantização” das dificuldades enfrentadas pelo aluno-trabalhador, principalmente quando oriundo da classe proletária, onde conseguir uma vaga no mercado de trabalho é mais prioritário que uma vaga na universidade, para garantir a sobrevivência.

Repare como vira manchete de jornal quando um jovem “vence” o Sistema e consegue conciliar estudos e trabalho, fugindo assim do “ímã da desigualdade social” que tenta o levar para a vida do crime. Porém, a notícia fica nessa superficialidade. Não são noticiadas as lutas diárias que esse jovem enfrenta para permanecer na universidade.

3.1 Análise do questionário

Um questionário online contendo 13 (treze) perguntas subjetivas foi compartilhado em grupos de *Whatsapp* dos estudantes da Faculdade de Educação (FACED) através da plataforma

google forms. O total de 24 respostas foram obtidos, dos quais 17 se enquadravam como sujeito da pesquisa, estudantes de Pedagogia do Turno Noturno e dessa parcela 100% realizam alguma atividade remunerada, além da rotina acadêmica, o que detalhamos ao decorrer da análise.

Para iniciar essa análise, veja o gráfico a seguir referente ao sexo dos participantes:

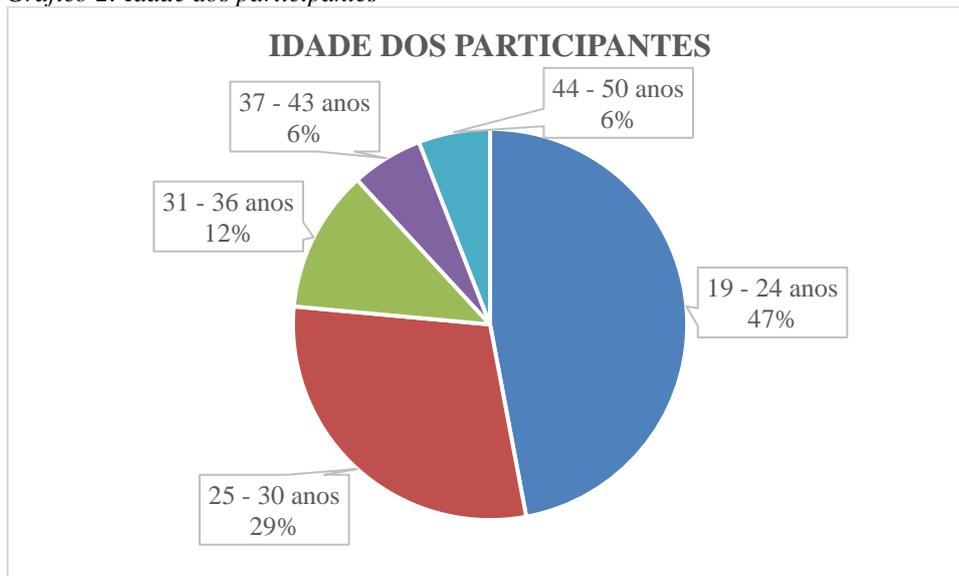
Gráfico 1: Sexo dos participantes



Fonte: De autoria própria

É notória a maior presença de mulheres nas licenciaturas do Brasil, segundo o portal do MEC (2007) “os cursos mais procurados pelos homens são relativos à engenharia, tecnologia, indústria e computação; pelas mulheres, são relativos à serviços e educação para a saúde e para a sociedade (secretariado, psicologia, nutrição, enfermagem, serviço social, pedagogia)”. No caso dessa pesquisa, 82% dos respondentes são mulheres, enquanto apenas 18% são homens, isso equivale à 2 dos 17 respondentes. Não tem como não pensar que isso se deve ao fato do patriarcado que rege nossa sociedade, estando sempre a figura feminina à frente dos cuidados domésticos e dos filhos, portanto a maioria na área da Pedagogia. Outro aspecto relevante para a análise das respostas é a idade, conforme demonstrado no gráfico a seguir:

Gráfico 2: Idade dos participantes



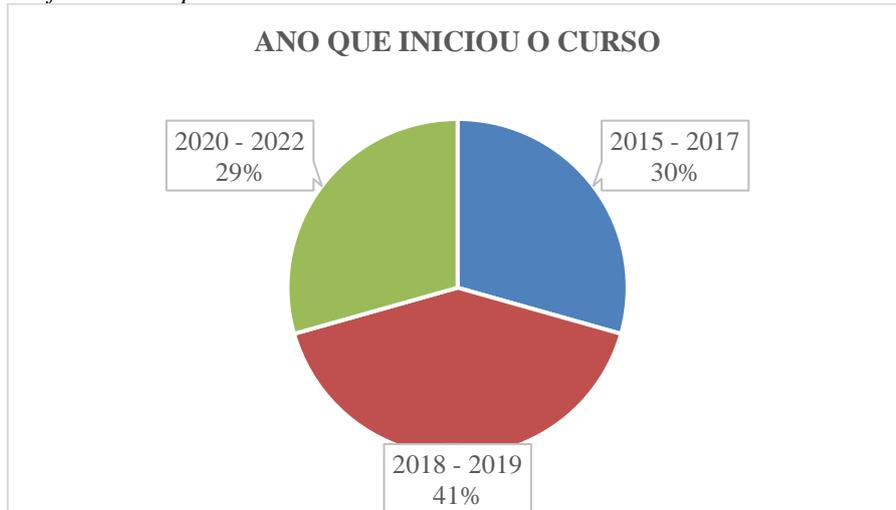
Fonte: De autoria própria

Foi uma surpresa encontrar uma parcela tão significativa para os participantes com idade superior aos 30 anos, chegando até os 50 anos em busca da formação docente, somando as porcentagens dessa faixa etária são 24% do total, enquanto 29% estão na faixa entre 25 e 30 anos e a maior parcela de 47% de 19 a 24 anos, a relevância desse dado demográfico é por conta da grande pressão social nessa classe precária pela independência financeira. Por conta da entrada precoce no mercado de trabalho é que se forma esse perverso círculo vicioso da condenação dessa classe, que não possui as disposições necessárias, a trabalhos marginais, de baixa remuneração, irregulares e nas franjas da produção capitalista. (FREITAS, 2009)

Outro fator importante que deve ser ressaltado é a presença no círculo familiar de pelo menos um parente que tenha feito ou esteja fazendo curso superior para distinguir essa família da sua categoria. (NOGUEIRA E CATANI, 2007) Já que o ingresso no ensino superior e a chance de ser bem-sucedido são função, fundamentalmente, do nível cultural do meio familiar. Portanto, essa grande parcela de pessoas fora da idade regular de estudo e dentro do ambiente acadêmico é essencial para a qualidade de trabalho dos seus descendentes.

Mas não podemos deixar de evidenciar as burocracias (de cunho exageradas e impeditivas) que essas pessoas em busca de uma formação docente precisam enfrentar desde o ingresso até a conclusão do curso. Foi perguntado no questionário sobre o ano de início dessa graduação e o resultado foi o seguinte:

Gráfico 3: Ano que iniciou o curso

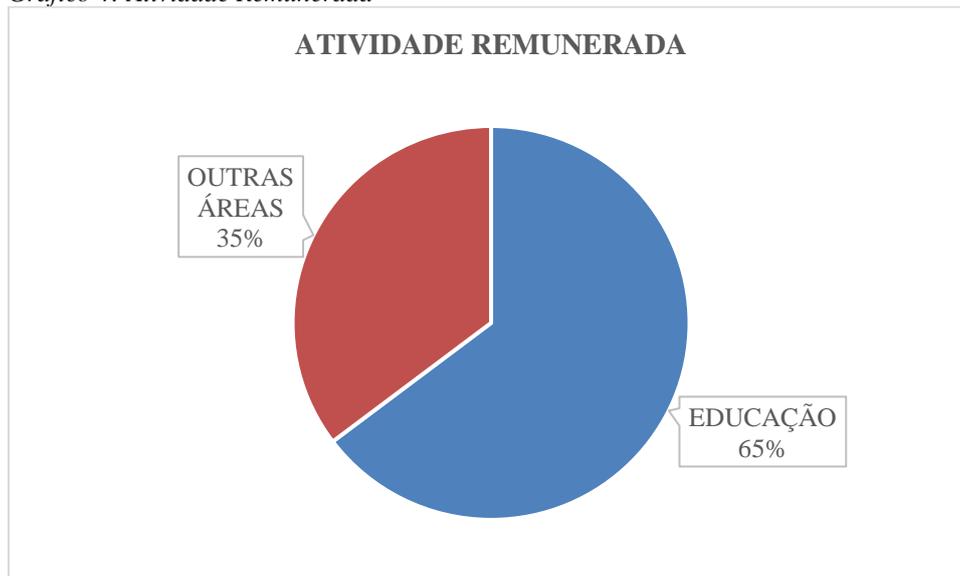


Fonte: De autoria própria

É estarrecedor os 30% que ingressaram entre os anos de 2015 e 2017, pois já excederam o prazo previsto para a conclusão do curso, porém foi previsto. É sentido por todos os estudantes, independente da classe social, as burocracias existentes dentro da Universidade. Além da seletividade para ingresso, já que segundo Nogueira e Catani (2007, p 48) “a estatística objetiva que estabelece que um filho de operário tem duas chances em cem de chegar ao ensino superior”, quando em formação docente as dificuldades para conciliar estudos com outras obrigações de sua classe social são grandes. Como esse estudo mostrou, 100% dos respondentes exercem atividade remunerada, dessa forma algumas atividades ficam inviáveis, como estágios supervisionado obrigatório que não é ofertado no período noturno, portanto o estudante que optou pelo turno noturno por conta do seu trabalho, tem dificuldade em concluir a atividade.

Uma das respondentes do questionário, encontra-se com 50 anos e nessa graduação desde 2015, não concluiu nenhum dos dois estágios obrigatórios, por não conseguir conciliar no trabalho. Outros precisaram abandonar a única renda para fazer a atividade e alguns conseguiram negociar com o empregador, mas veremos esses detalhes após entender que tipo de atividade remunerada os respondentes exercem:

Gráfico 4: Atividade Remunerada

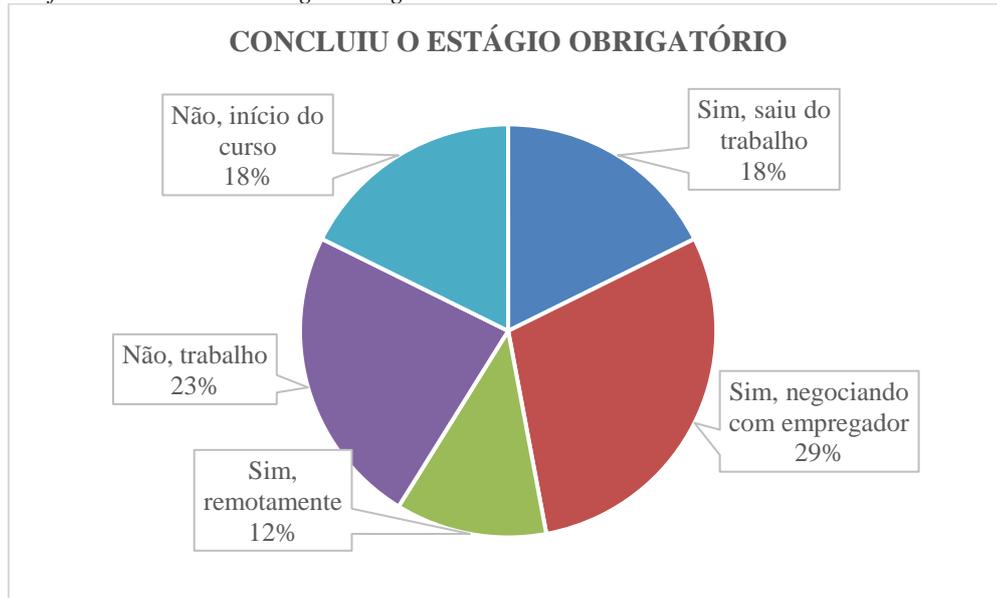


Fonte: De autoria própria

Esse resultado demonstra o interesse dos participantes em atuar na área da Educação, defendemos o ensino teórico-prático de qualidade e 65% dos graduandos em Pedagogia que responderam ao questionário já atuam na área, então já colocam em prática os aprendizados de sala de aula. Dito isto, qual a chance desse estudante abandonar a atividade remunerada para realizar a atividade de estágio, ofertado pela Universidade, de forma gratuita? Por que essa experiência não conta para essa atividade? De acordo com Freitas (2009, p. 8) “essa funcionalidade não intencional e não declarada da instituição escolar se apresenta como um dos principais fatores de manutenção da naturalização da desigualdade social brasileira” e vendo de dentro do ambiente acadêmico, os estudantes que não precisam trabalhar para sobreviver conseguem se dedicar a essas atividades sem maiores problemas e assim concluírem a graduação no tempo previsto, enquanto quem fica preso a essas burocracias, desmotiva-se a cada semestre por não encontrar uma forma de equilibrar as obrigações.

Agora que iniciamos a discussão do que é um dos maiores obstáculos para o aluno-trabalhador em formação docente concluir a graduação, veremos como os respondentes do questionário conseguiram ou não realizar a atividade de estágio supervisionado obrigatório:

Gráfico 5: Concluiu o Estágio Obrigatório

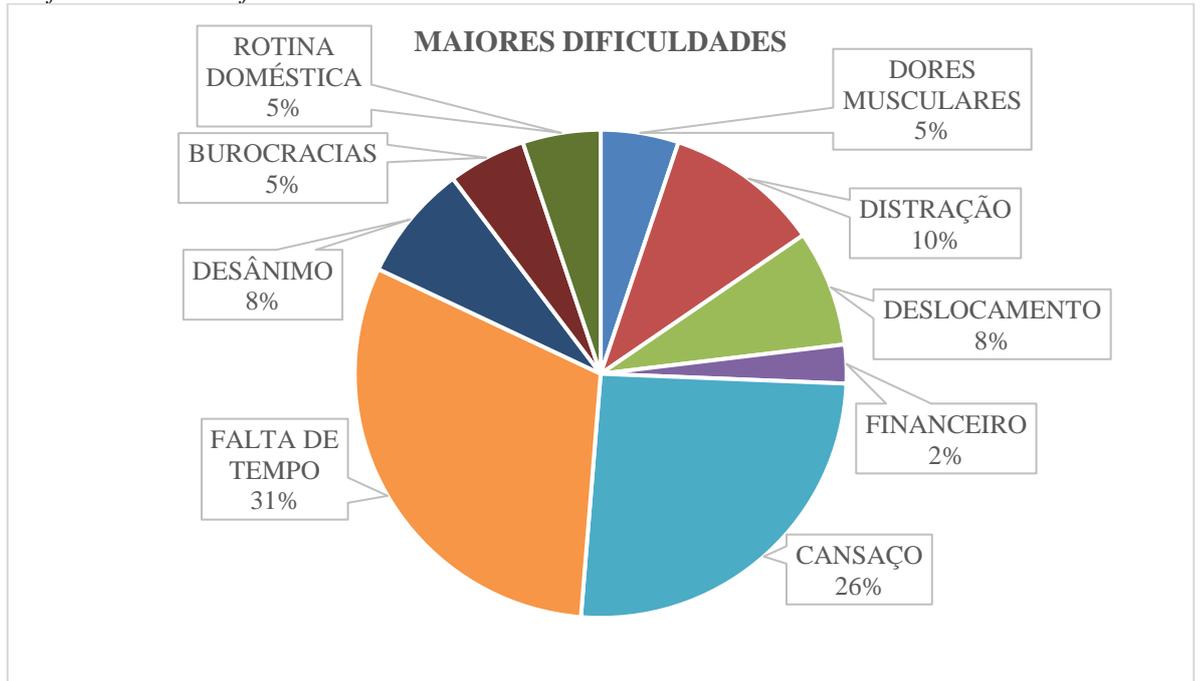


Fonte: De autoria própria

Uma parcela de 18% ainda se encontram no início do curso, portanto ainda não sentem a pressão dessa atividade. Apenas 29% conseguiram negociar com o empregador para realizar essa atividade durante seu horário de trabalho, contudo relataram que as saídas mais cedo foram incluídas no banco de horas para execução posterior ou tiveram prejuízos salariais no final do mês por conta da ausência, mas sem causar a demissão o que seria uma situação ainda mais dramática. Como é o caso de 18% que sem encontrar outra saída, precisaram abandonar a renda para realizar a atividade obrigatória para conclusão do curso. Já 23% ainda não concluíram e nem tem previsão para concluir a atividade por conta da inflexibilidade do trabalho que exerce e, não podemos invalidar, das burocracias da Universidade em não dar opções para esse aluno-trabalhador. Agora chamo a atenção para os 12% que fizeram a atividade remotamente durante o período de maior impacto da Pandemia da Covid-19, onde foi decretado quarentena geral e os alunos podiam assistir as aulas de casa, enquanto os professores também estavam em suas casas. Foi dito por esses respondentes que essa atividade só foi possível por conta dessa flexibilidade exigida pelo momento histórico. Hoje não estamos mais em quarentena e a flexibilidade foi substituída pelo antigo engessamento. Fica a reflexão, não teria mesmo outra opção para os alunos-trabalhadores concluírem essa atividade? Por que as experiências de estudantes que já trabalham na área da educação não são consideradas como válidas para efeitos de cumprimento de carga horária dos estágios?

Sobre as dificuldades para conciliar formação docente e mercado de trabalho, as respostas foram distribuídas no gráfico a seguir:

Gráfico 6: Maiores dificuldades



Fonte: De autoria própria

A falta de tempo é a maior fatia, repetida por 31% dos respondentes, seguida pelo cansaço com 26%. Rememorando que disciplina, flexibilidade, concentração e alto controle são algumas das disposições que caracterizam o *habitus primário* do sujeito produtivo (SOUZA, 2003) e sabemos que o que é generalizado na ralé estrutural é um modo de vida que exige pouco controle dos impulsos, além de não prepara-lo com a disciplina e autocontrole suficientes para um bom desempenho no mundo escolar e, conseqüentemente, no mercado de trabalho, de acordo com Freitas (2009, p. 4) “o não desenvolvimento dessas disposições é a principal causa da eternização da marginalização econômica e social desta classe social à sociedade inclusiva.

A distração podemos atrelar à grande quantidade de obrigações que esse sujeito precisa carregar, além dos estudos que já demandam muita saúde mental para a quantidade de conteúdos que um graduando precisa consumir e armazenar, além dos trabalhos que precisa escrever e apresentar, o aluno-trabalhador precisa de capital econômico para sobreviver que só adquire através da troca de sua mão-de-obra que demanda bastante tempo, já que a carga horária máxima do trabalhador brasileiro é de 44 horas semanais⁶. Alguns respondentes relataram jornada ininterrupta do trabalho até a faculdade, como uma extensão do seu trabalho, muitas vezes, sem intervalos nem para um lanche, pior ainda frequentar o restaurante universitário, já

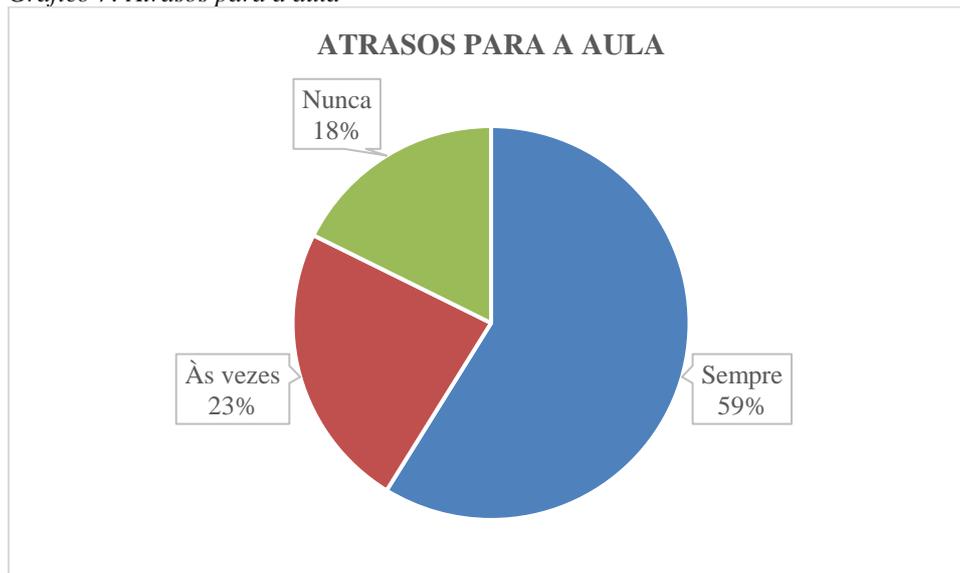
⁶ Fixada pela promulgação da Constituição Federal em 1988. Antes disso, a situação em algumas Regiões do Brasil para tempo médio dedicado ao trabalho era de até 48,5 horas semanais. Disponível em [Salário mínimo: o que é, história e leis trabalhistas a respeito \(contabeis.com.br\)](http://contabeis.com.br). Acesso em 20 de novembro de 2022.

que frequentemente chegam atrasados para as aulas, mas veremos sobre isso mais adiante. Chamei atenção para esse relato por conta da dificuldade enfrentada por 8% dos respondentes que é o deslocamento, sem veículo próprio, dependem do transporte público para se deslocar do trabalho até a faculdade, alguns trabalham em Regiões Metropolitanas o que causa bastante transtorno físico e mental. Empatado com o desânimo, também 8% que é a consequência de todas essas dificuldades juntas e um grande causador da evasão desses estudantes universitários que precisam, diariamente, encontrar a razão de todo esse esforço.

As burocracias da Instituição somam 5% nessa lista de dificuldades, assim como as dores musculares que também somam 5%. Chamou a atenção a rotina doméstica somando 5% das respondentes, reitero que 82% dos respondentes desse questionário são mulheres, portanto é importante estar atento a mais essa obrigação existente na rotina de uma aluna-trabalhadora que além de trabalhar e estudar ainda é a principal mantenedora da organização da casa e do cuidado dos filhos, sem dúvidas, maternidade e formação docente tem assunto para outro artigo acadêmico.

Para finalizar, 2% pontuaram como dificuldade o financeiro. Gastos com transporte e alimentação, além de material didático e as *xerox*, pesam no bolso do aluno que precisa se sustentar e sustentar sua família com o pagamento da sua mão-de-obra, já não tão cara. Falando novamente sobre deslocamento, foi perguntado sobre os atrasos para as aulas e o resultado foi o seguinte:

Gráfico 7: Atrasos para a aula

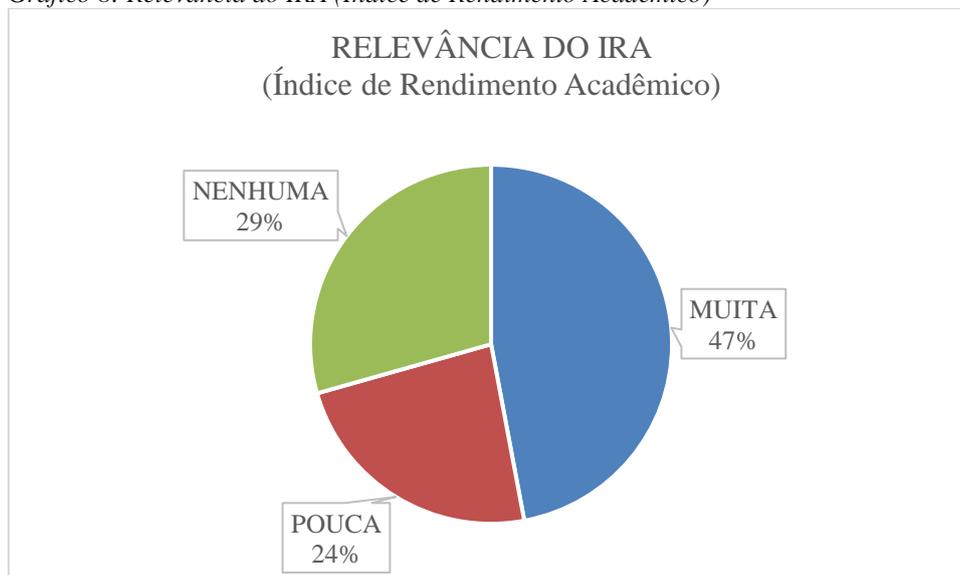


Fonte: De autoria própria

Principalmente por conta desse deslocamento do trabalho até a faculdade, 59% dos respondentes se atrasam diariamente para as aulas, de 20 minutos até 1 hora dependendo da

distância e do trânsito. Uma das consequências é o desânimo, já que precisam se justificar repetidas vezes para os professores que nem sempre são compreensivos, segundo os respondentes. Alguns declararam não se importarem mais, pois essa é a realidade de quem depende de transporte público. O total de 23% se atrasa às vezes, o motivo mais recorrente são horas extras no trabalho e apenas 18% conseguem conciliar e nunca se atrasam para as aulas. O que levanta outro questionamento, qual a relevância da nota do IRA (Índice de Rendimento Acadêmico) na motivação desses alunos-trabalhadores para a continuidade no Curso? Foi uma das perguntas do questionário e o resultado está no gráfico a seguir:

Gráfico 8: Relevância do IRA (Índice de Rendimento Acadêmico)



Fonte: De autoria própria

Ter um bom Índice de Rendimento Acadêmico nos primeiros semestres não é impossível, mas manter esse índice alto com o decorrer dos semestres é muito difícil, pois as avaliações vão ficando mais complexas e para quem precisa conciliar com o trabalho acaba tendo uma frequência mais baixa, o que pode resultar numa reprovação que diminui consideravelmente a Nota IRA. Segundo Nogueira e Catani (2007) a desvalorização das técnicas é o reverso da exaltação da proeza intelectual que tem afinidades com os valores dos grupos privilegiados culturalmente. Os pertencentes dessa classe estão sempre inclinados a desvalorizar como laboriosamente adquiridas as qualidades que não valem senão sob aparências do inato e assim se mantem as desigualdades sociais.

Quem possui um IRA elevado, tem vantagem competitiva nas concorrências por bolsas da Universidade, assim como nas vagas para disciplinas, em especial as optativas, algumas muito concorridas e pode se candidatar às maiores honras na conclusão. Mesmo assim, 29% dos respondentes não se importam com sua nota IRA, baixa ou não. Já 24%, declararam pouca

relevância, se importavam mais nos semestres iniciais, o que foi diminuindo com a diminuição da nota.

Houve um relato que me chamou a atenção, uma aluna-trabalhadora que por atraso levava falta e assim reprovou uma disciplina, o que a fez desmotivar bastante do Curso por se importar muito com a nota do IRA.

Somam 47%, os respondentes que dão muita relevância a esse Índice. Para tentar manter a boa nota, procuram se dedicar com esforço e sacrifício, como foi dito nas respostas. Destaco um respondente que abandonou o emprego para se dedicar a Universidade e disse que melhorou bastante seu rendimento com essa medida ousada. Outras se sentem bastante frustradas e desmotivadas por conta do baixo rendimento, mesmo com todos os esforços.

O que pode ajudar a manter um bom rendimento é participar dos eventos ofertados pela Universidade e movimentos estudantis e fazer as leituras dos textos das aulas “sugeridos” pelos professores e foi perguntando no questionário sobre a disponibilidade desses alunos para participação de eventos extra-aula e sobre suas rotinas de leituras.

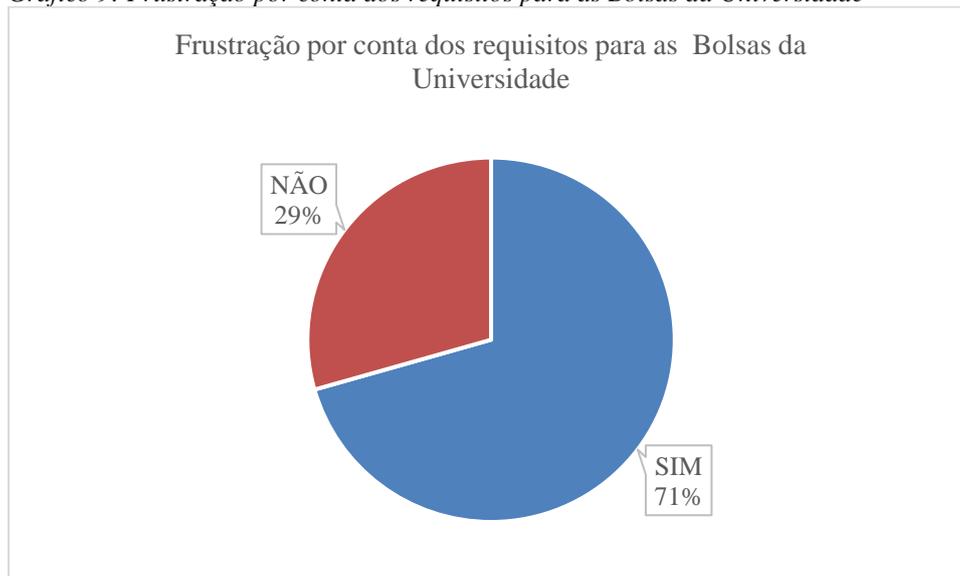
Sobre a disponibilidade, considerando que 100% dos respondentes são alunos-trabalhadores, nenhum possui disponibilidade. A não ser para os eventos ofertados no turno noturno, e somente quando o professor do dia libera, senão optam pela aula. Apenas 1 dos 17 colocou o sábado como livre para participar de eventos extra-aula, o que não é muito comum de acontecer e vamos ressaltar a importância dessas atividades complementares para outra burocracia da Universidade que precisa ser preenchida para a colação de grau, as horas de atividades complementares.

Outra atividade que contribui bastante para a aprendizagem do indivíduo em formação docente são as Bolsas oferecidas pela Universidade, como Programa de Iniciação à Docência (PID) e Programa de Residência Pedagógica, entre outros. Além de ser colocado como requisito que o aluno não poderá ter nenhum tipo de vínculo empregatício, já excluindo o aluno-trabalhador, com exceção de algumas bolsas, há também a exigência de Índice de Rendimento Acadêmico (IRA) igual ou superior a 7,0 (sete) e em caso de empate, terá preferência aquele que apresentar melhor desempenho acadêmico⁷.

Dito isso, foi perguntado no Questionário sobre o sentimento que esses alunos expressam diante desse requisito para concorrer a Bolsas Universitárias e em relação a frustração que sentem o resultado foi o seguinte:

⁷ Correspondo à maior média geral das notas ou dos conceitos obtidos nos conjuntos das disciplinas cursadas. Disponível em [Bolsas do PID – Programa de Iniciação à Docência – Pró-Reitoria de Graduação \(ufc.br\)](https://www.ufc.br/bolsas-do-pid-programa-de-iniciacao-a-docencia-pro-reitoria-de-graduacao). Acesso em 06 de dezembro de 2022.

Gráfico 9: Frustração por conta dos requisitos para as Bolsas da Universidade

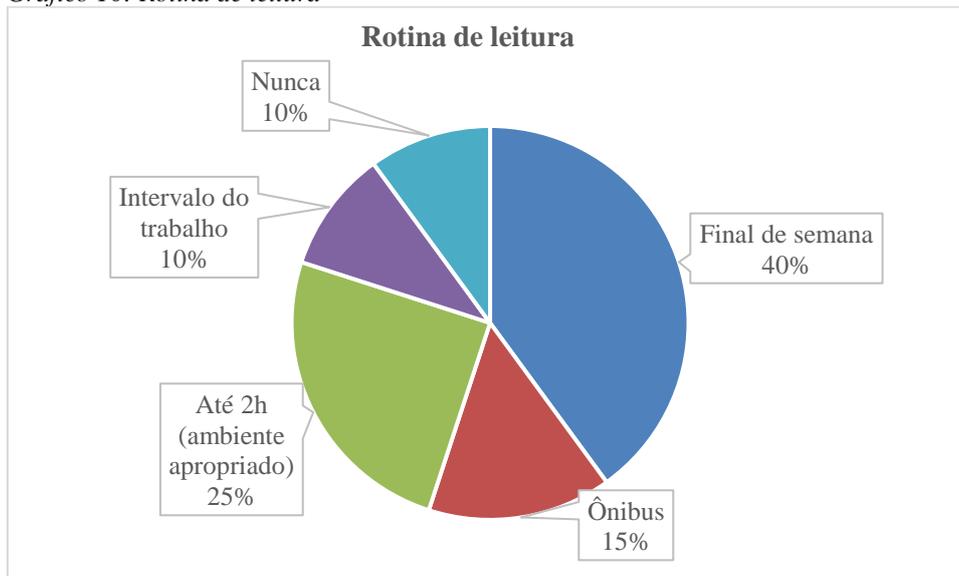


Fonte: De autoria própria

Algumas respostas que gostaria de destacar são os alunos-trabalhadores que precisam trabalhar para se sustentar, mas que expressaram ser um sonho poder se dedicar unicamente à Universidade e ainda ter uma renda, porém apenas com o valor da Bolsa seria inviável se manter e a importância de um Estágio na Faculdade, pois além da remuneração ainda ajudaria no desenvolvimento acadêmico. Os 71% que responderam sentirem-se frustrados por não poder concorrer a esses Programas, declararam se sentir excluídos do espaço acadêmico e chamo a atenção para a seguinte fala de um respondente "a Universidade não é feita para trabalhadora, mãe e pessoas fora da faixa-etária regular". Nota-se segundo Nogueira e Catani (2007, p. 57) "que um sistema como este só pode funcionar perfeitamente enquanto se limite a recrutar e a selecionar os educandos capazes de satisfazerem às exigências que se lhe impõem, objetivamente", sendo assim a realidade estrutural passa pela formação sem a mesma qualidade que os demais.

É notória a importância de fazer as leituras sugeridas pelos professores para ter maior contexto da aula e ter bagagem para participar dos diálogos e compartilhar opinião, além de conhecer os autores relevantes, historicamente, para a construção da profissão a qual deseja seguir e outros pensadores. Em relação ao tempo de leitura dos textos das aulas, o resultado está no gráfico a seguir:

Gráfico 10: Rotina de leitura



Fonte: De autoria própria

Chamo a atenção para os 10% que nunca conseguem fazer a leitura dos textos, antecipadamente, estes declararam que por falta de tempo e cansaço assistem as aulas sem nenhum contexto e raramente participam dos debates por não se sentirem confiantes e nem sempre conseguem entender o assunto que foi dado, o que os deixa frustrados. Já outros 10% até conseguem ler, se o texto for curto e de linguagem simples, pois o fazem durante o intervalo de trabalho que, por lei, deveria ser destinado ao almoço e descanso. Por conta disso, acaba sendo uma leitura desconcentrada, e citando um respondente, “de qualidade duvidosa”.

De forma parecida, temos 15% que fazem suas leituras no deslocamento do trabalho para a Faculdade, no transporte público. Informaram sentir dores de cabeça constante e cansaço nos olhos por conta do balançar do veículo, alguns manifestaram até tontura com essa ação, da mesma forma que os anteriores, demonstraram dificuldade de concentração e pouco proveito das leituras, difícil também de fazerem anotações por conta do movimento.

A maioria respondeu fazer suas leituras no final de semana, 40%. Porém, expressaram se sentirem sufocados por ser o único momento de lazer que poderiam ter na semana, por isso sentem um grande desgaste psicológico por não terem um descanso.

Para finalizar, apenas 25% possuem um ambiente apropriado para cumprirem as leituras acadêmicas e destinam no máximo 2h diárias para essa atividade, por conta do cansaço da rotina de trabalhar e estudar.

Essa pergunta foi importante para nos dar a real situação da qualidade dos estudos do aluno-trabalhador e das concessões que precisam ser feitas para esse aluno alcançar o nível de ensino que a instituição exige, pois na pergunta seguinte, a partir de declarações feitas pelos

respondentes, obtivemos a informação de que alguns professores acabam constringendo, às vezes de forma inconsciente, esse aluno-trabalhador por não fazerem as leituras pedidas antes das aulas.

Outros constringimentos que os respondentes externalizaram, além de ser chamado atenção por não ter feito as leituras, foram comentários rudes e nada empáticos em relação à atrasos e como vemos anteriormente, muitos alunos atrasam diariamente por conta de não ter controle sobre o horário do trabalho. Para Freitas (2009, p. 06) “o padrão de violência física e simbólica posta em prática pelas técnicas de poder institucionais que punem os indivíduos por não serem disciplinados deve ser compreendida em sua relação constitutiva com a desigualdade de classe”. A relação professor-aluno sem a compreensão da realidade desse indivíduo fora da Instituição acadêmica acaba levando à uma série de punições e constringimentos feitos injustamente.

Um exemplo disso é o professor, responsável pela formação docente de um grupo de indivíduos, sugerir que quem tem tempo para dormir tem tempo para estudar, como foi dito por um dos respondentes que experienciou essa situação. Esse tipo de comentário não agrega para o fim desse ciclo perverso da romantização dos sacrifícios do aluno-trabalhador. Outro exemplo ainda mais cruel, foi uma respondente que procurou orientação com determinado professor por não estar conseguindo conciliar trabalho e faculdade e este diminuiu os dilemas de seu aluno dizendo que quando estava em seu lugar já era assim e conseguiu concluir porque quem quer dar um jeito.

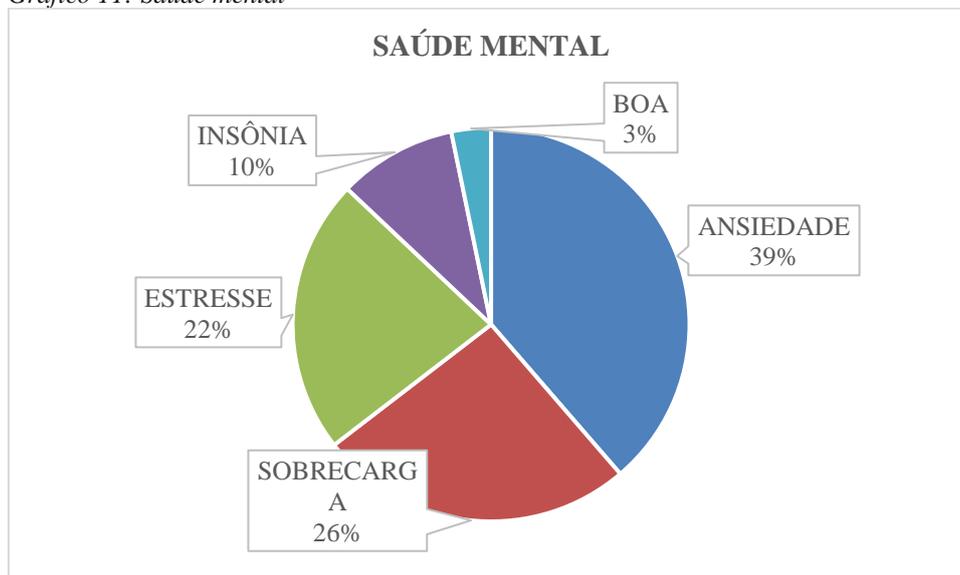
O resultado desse show de arrogância vinda de quem deveria dar o exemplo, mas acaba reproduzindo esse sistema que tem por função objetiva conservar os valores que fundamentam a ordem social, é formar profissionais desmotivados, frustrados e ansiosos. (NOGUEIRA E CATANI, 2007)

Os constringimentos sofridos pelo aluno-trabalhador não são reservados apenas ao corpo docente do ambiente acadêmico. Do outro lado, os empregadores também dão sua contribuição para a sobrecarga psicológica desse indivíduo que busca na Educação melhores oportunidades de emprego. Como se incomodados pela possível perda futura de um funcionário, o empregador busca diminuir a importância da formação docente e profissão do professor, replicando conceitos pré-concebidos como a desvalorização do profissional, a baixa remuneração e as condições precárias de trabalho. Atitudes como essa, parecem corriqueiras para alguns respondentes que declararam sentirem-se assediados com esse tipo de comentário vindo dos gestores.

Outras formas de assédio acontecem de forma bem menos explícita, porém tão constrangedora quanto, como a demanda de trabalho extra feita no fim do expediente, fazendo com que esse aluno-trabalhador atrase para suas atividades acadêmicas, ser chamada atenção por estar cansada demais da rotina atarefada e por isso ficar desatenta no trabalho e exigência pela participação em eventos do trabalho que chocam com os horários das aulas.

Todo esse malabarismo feito por indivíduos que precisam equilibrar duas funções, no mínimo, importantes para seu crescimento pessoal na sociedade é exaustivo e nem sempre recompensador, o que deixa essa geração instável emocionalmente e psicologicamente ansiosos. E por conta dessa hipótese é que perguntamos como se encontra a saúde mental desses indivíduos e a resposta não poderia ser mais preocupante. Veja a seguir:

Gráfico 11: Saúde mental



Fonte: De autoria própria

Apenas 3% dos respondentes julgam estarem com a Saúde mental boa, conseguindo organizar a rotina e manter o equilíbrio das atividades. Já 39% sofrem com os sinais da ansiedade, o que é preocupante dado que o sofrimento psicológico entre os estudantes pode influenciar seu desempenho acadêmico e qualidade de vida podendo elevar como consequências o abuso de álcool e outras substâncias nocivas, além da diminuição da empatia e desonestidade acadêmica. Segundo isso ocorre porque a rotina dos estudantes universitários pode levar à morbidades psicológicas devido a uma série de fatores, como:

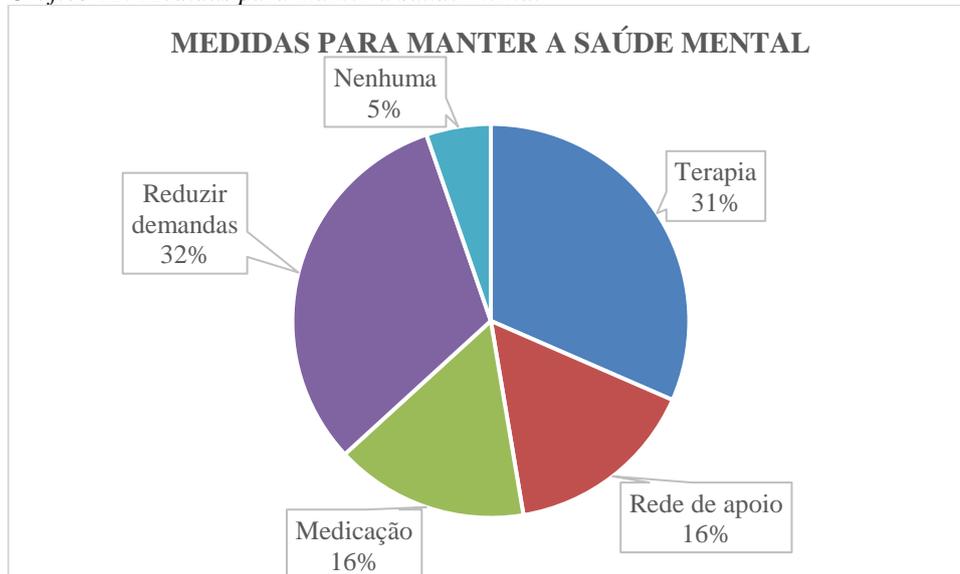
A pressão gerada no meio acadêmico, a grande quantidade de tempo necessária às atividades acadêmicas e às cobranças referentes a essas atividades, preocupação com a própria saúde, preocupações financeiras, a indisponibilidade de tempo dedicado ao lazer, abuso e maus-tratos a estudantes, insegurança em relação ao ingresso no mercado de trabalho, além da própria autocobrança. (BERNARDELLI et al, 2022)

A sobrecarga também é impactante com 26%, levando em consideração que os respondentes que levantaram essa questão lidam também com a maternidade, como já foi dito anteriormente, poderia ser tema para outra pesquisa por conta da extensão e complexidade desse fator na rotina da mulher aluna-trabalhadora que de acordo com BERNARDELLI (2022) se encontrar nesse projeto de constituição de uma família pode significar, na maior parte, uma dupla jornada de trabalho: a jornada fora de casa e a dentro de casa, situações que podem ocasionar tensões. Além da afirmação pessoal e busca de independência econômica, novo padrão social da mulher contemporânea.

Somadas a essas consequências de ser aluno-trabalhador lutando diariamente contra as burocracias do Sistema, temos o estresse com 22% e a insônia com 10%, que consideramos fatores complementares, já que um é sintoma do outro. Para Bernardelli (2022) acadêmicos impactados psicologicamente com a sobrecarga acadêmica podem ter problemas na vida profissional, uma vez que uma das competências de maior importância para o mercado de trabalho está associada à comunicação e ao relacionamento interpessoal, repertório que constitui um diferencial para o sucesso profissional.

Para finalizar a análise das respostas do Questionário, perguntamos que medidas os alunos estão buscando como suporte psicológico e o resultado estar a seguir:

Gráfico 12: Medidas para manter a saúde mental



Fonte: De autoria própria

Como podemos observar no gráfico acima, 32% dos respondentes buscaram reduzir suas demandas para melhorar a saúde mental, alguns destacaram a redução da quantidade de disciplina por semestre, outros optaram por não colocar a Atividade de Estágio Supervisionado e até desistir, por ora, da escrita do Trabalho de Conclusão de curso (TCC) e uma minoria tomou

medidas mais drásticas como pedir demissão para cuidar da própria saúde. Um total de 16% busca esse equilíbrio apenas contando com sua rede de apoio, destacaram colegas de turma e professores. Já 31% busca ajuda profissional com psicólogo e psiquiatra, o acompanhamento psicológico da UFC foi mencionado, porém duas respondentes perderam por conta de o horário chocar com o expediente laboral. Por fim, apenas 5% não precisa de nenhuma medida para ajudar na saúde mental, enquanto 95% procura uma forma de se manter são enquanto trabalha e tenta se manter na Universidade.

3.2 Análise das entrevistas

Para trazer uma análise ainda mais aprofundada sobre as dificuldades enfrentadas pelo aluno-trabalhador para concluir a graduação em Pedagogia, trouxemos uma série de três entrevistas realizadas com alunos que enfrentaram a atividade de Estágio obrigatório supervisionado com diferentes graus de contratempos. Os sujeitos dessa fase da pesquisa foram identificados a partir da análise do Questionário, visto a pouco.

A partir das respostas à pergunta sobre a execução da atividade de Estágio obrigatório supervisionado, foram escolhidas três respondentes com experiências diferentes quanto ao êxito da atividade que aceitaram o convite para uma conversa gravada onde poderiam detalhar melhor sobre como conseguiram conciliar a atividade remunerada com a atividade obrigatória do Estágio. Cada entrevista durou em média 30 minutos e aconteceu de forma remota. O canal de comunicação escolhido foi o aplicativo de reunião virtual *Google Meet*, por ser o mais usual entre os participantes, tendo sido o principal canal durante o período em que as aulas estavam remotas. Os três sujeitos dessa fase são os seguintes:

Entrevistada 1: Mulher, 22 anos. Cursa Pedagogia noturno na FACED desde 2018.1;

Entrevistada 2: Mulher, 31 anos. Cursa pedagogia noturno na FACED desde 2017.2;

Entrevistada 3: Mulher, 24 anos. Cursa Pedagogia noturno na FACED desde 2017.2.

A partir de um roteiro pré-estabelecido pela pesquisadora, com o objetivo de compreender as maiores dificuldades enfrentadas pelo aluno-trabalhador para executar a atividade de estágio obrigatório supervisionado, foram feitas as mesmas perguntas as três participantes, com algumas especificidades que o desenvolvimento de cada entrevista permitia. A primeira pergunta respondida foi sobre prática de uma atividade remunerada para confirmar

as características do sujeito da pesquisa que é o aluno-trabalhador. A **entrevistada 1** trabalha em uma fábrica de papelão desde 2019, no setor administrativo, de segunda a sexta das 7h às 17h e sábado de 7h ao meio-dia. **A entrevistada 2** trabalhou durante todo o curso em lojas de Shopping e no último ano conseguiu um Estágio remunerado em uma conceituada Escola de Fortaleza, atuando na Educação Infantil, porém precisou abandonar, recentemente, por ter sido aprovada no concurso para professora efetiva do Município de Fortaleza. **A entrevistada 3** é professora bilíngue (inglês) em uma Escola Privada de Fortaleza, atuando junto às professoras da Educação infantil.

Logo então foi perguntado como elas conseguiram conciliar a responsabilidade do trabalho com a rotina de estudos, a **entrevistada 1** reside e trabalha em Região Metropolitana de Fortaleza e sobre sua rotina ela disse “(...) eu pegava, descia e ia andando mais ou menos uns 20 minutos da Bezerra de Menezes (Avenida) até a FACED, então isso era bem cansativo. Na volta também, aí chegava em casa muito tarde. No outro dia tinha que começar tudo de novo. O final de semana era o tempo que eu tinha pra’ descansar e eu usava pra’ estudar, então era uma rotina não muito saudável e tava’ se tornando muito exaustivo”. **A entrevistada 2** disse que “(...) conciliava sofrendo muito né, porque na maioria das vezes era lendo texto dentro do ônibus. Eu não conseguia ler texto tranquilamente em casa, era no ônibus no caminho pra’ faculdade e às vezes eu dormia na sala também, muito cansada”. **A entrevistada 3** deu o seguinte depoimento sobre essa questão “concilio os estudos fazendo o que dá, trabalhando durante o dia e indo direto pra faculdade na maior parte dos dias.”

Para seguir a entrevista, a questão norteadora dessa fase. Como foi a experiência com a atividade de estágio supervisionado? A intenção é fazer com que os sujeitos reflitam sobre as maiores preocupações que antecederam a matrícula nessa atividade e quais obstáculos precisaram enfrentar para concluí-la. A **entrevistada 1** expressou grande preocupação, dizendo “tentei me matricular na disciplina do Estágio durante os quatro semestres que a gente passou no ensino remoto, porque eu imaginava que seria mais fácil né, a atividade estava acontecendo, os professores tinham encontrado uma forma de fazer o estágio sem estar presencialmente nas escolas né, já que não podia na Pandemia, só que nós quatro semestres que eu tentei, eu tive a matrícula negada, não sei o porquê (risos). Não consegui me matricular, enviei vários e-mails pra’ coordenação pedindo, pelo amor de Deus, que me ajudasse porque eu tava’ com medo de acontecer o que aconteceu que era a gente voltar pro presencial e eu ter que fazer o estágio presencial e não era por nada, mas porque eu teria que arranjar um jeito de sair do trabalho né, pra ir.” A **entrevistada 2** está concluindo os dois Estágios obrigatórios juntos, por isso

abandonou o Estágio remunerado para se dedicar à essas atividades já que passou no concurso público e precisa do diploma para assumir a vaga, mas antes disso a realidade era a seguinte “eu sempre trabalhei em loja de shopping e ia pra faculdade à noite, aí o estágio obrigatório é geralmente de manhã ou de tarde, eu nunca consegui fazer por conta disso , aí quando eu comecei a estagiar que eu pensei que fosse dar certo , também não deu (...) eu já suprimi duas vezes o estágio por conta disso, do meu estágio remunerado, porque eu não tinha condições de não ficar recebendo absolutamente nada né, eu precisava pelo menos do meu estágio remunerado. Aí duas vezes também que eu tentei tendo o estágio remunerado, eu não consegui e tive que suprimir, aí eu passei eu acho que uns quatro semestres, dois anos tentando fazer esse estágio obrigatório, mas nunca consegui”. Fiquei curiosa quanto ao motivo dela precisar suprimir a atividade enquanto estagiária, já que se sabe que um estagiário tem carga de horário reduzida e como ela informou que era do turno noturno, qual seria o motivo de precisar suprimir tendo tempo disponível? Ela disse “(...) precisei suprimir por conta das horas que excediam. Por mais que os horários não chocassem, os horários não tinham nada a ver. Eu estagiava de manhã aí eu poderia fazer o obrigatório a tarde, mas eles não autorizaram, a professora disse que não dava, que a agência de estágio não autorizava colocar por conta que excedia a carga horária semanal que um estagiário poderia ter que eu acho que é 30 horas semanais e meu estágio obrigatório já contabilizava 25 horas semanais”. Já a **entrevistada 3** declarou com certo ar de alívio, “concluí todos os estágios, graças a pandemia”. Ela compartilhou que com as aulas remotas teve dias de precisar ficar com duas salas de reunião abertas, uma para o trabalho e outra para a atividade do Estágio obrigatório que por conta da Pandemia estava remoto, para segurança dos alunos e dos profissionais de Educação, além de outros setores.

Ainda nessa problemática, perguntei sobre a negociação com os gestores e os custos dessa rotina para a realização dessa obrigatoriedade da graduação. A **entrevistada 1** foi bem compreendida pelos gestores que permitiram as saídas mais cedo, mas ela precisaria repor as 8 (oito) horas de ausência durante a semana, ou seja, 1 (uma) hora a mais de segunda à sexta e pra’ completar mais 4 (quatro) horas no sábado no período da tarde, além das 4 (quatro) horas que ela já trabalhava pela manhã. Sobre esse acordo ela disse “(...) como eu já tava’ com a rotina muito louca de fazer o estágio e ter disciplina pra cursar e escrever TCC, a maioria das horas foi descontada né, do salário. Eu não consegui repor porque era humanamente impossível pra’ mim (risos)”. Ela se preocupava bastante também com a distância das Escolas e com a inflexibilidade da professora que iria supervisionar o Estágio, mas sua maior preocupação eram os gastos com Moto Uber que ela precisava pagar todos os dias de Estágio por conta da distância

por morar em outro Município, “a questão financeira foi um fator muito importante, coisa que me preocupou muito por conta desses descontos e desses gastos que eu ia ter que ter a mais. Foi bem cansativo também né, porque nos dias que eu não trabalhava a tarde pra’ ir pro Estágio, as atividades que eu tinha que fazer em 8 horas de trabalho, durante o dia, eu tinha que dar um jeito de fazer nas 4 horas que eu fazia pela manhã (risos) então foi assim muito complicado de cursar”. A **entrevistada 2** falou sobre o problema com o excedente da carga horária para um estagiário, ela buscou o setor de Recursos Humanos da Escola para tentar reduzir sua carga horária e poder cursar a atividade do Estágio obrigatório, mesmo tendo o prejuízo financeiro, o retorno que ela recebeu foi “(..) tinha casos lá que eles reduziram o contrato, mas que era só depois que a pessoa já tinha 1 ano e precisava fazer um outro contrato. Mas como eu tava’ no começo eu tinha que cumprir bem direitinho a carga horária que eu fui contratada né”. Ela disse também que antes mesmo de ser contratada, ela pediu que eles não mandassem o contrato para a faculdade, para não prejudicar essa atividade, mas foi informada que não seria possível esse tipo de contratação. Sobre os custos ela afirmou que como “(...) são bairros que a gente não conhece, não é um bairro do nosso cotidiano, geralmente são bairros que a gente nunca foi na vida né, aí eu não sei como faz pra ir de ônibus. (...) eu tô’ pegando moto Uber todos os dias, indo pra um de carona e voltando pelo moto Uber”. A **entrevistada 3** não se sentiu enquadrada nessa questão, já que a Empresa que trabalhava nem ficou sabendo que ela estava cursando essa atividade. Porém os custos foram descontados da saúde psicológica, analisando essa declaração “meu psicológico foi pro’ saco, fiquei MUITO mal, não tinha tempo nem de respirar. Foi péssimo”.

A pergunta seguinte foi se elas sentiam que a professora do estágio e a coordenação compreendiam a suas necessidades por ser aluna-trabalhadora e a **entrevistada 1** fez o Estágio no primeiro semestre de retomada das atividades presenciais, então ela constatou que “(...) ela (a professora) foi compreensiva, mas não porque ela queria ser compreensiva. Não porque ela, de fato, seja compreensiva, mas porque as condições da retomada das atividades fizeram com que ela não estivesse tão presente, acompanhando a gente. Então por ela não estar tão presente ela teve assim, o bom senso, de também não ser muito rígida em relação a algumas faltas, principalmente (risos)”. Essa entrevistada afirmou que teve flexibilidade para repor os dias que faltava os encontros e que a supervisão era, em sua maioria, por fotos, vídeos e mensagens, isso facilitou a conclusão da atividade. Já sobre a coordenação ela disse não ter opinião formada já que “não senti que a coordenação foi muito presente no período das atividades do estágio”. A **entrevistada 2** expressou bastante chateação e disse não ter se sentindo acolhida pela

instituição, já que “(...) duas vezes a gente tentou falar com a (Diretora) e a professora disse que já tinha conversado com ela. (...) eu não falei com ela né, quem falou foi a professora que disse isso, mas a gente viu que não adiantava, não foi atrás e ficou por isso mesmo”. A **entrevistada 3** deu a seguinte declaração quanto se sentir compreendida pela professora “Não! Na realidade a minha professora de estágio fez o possível pra’ dificultar ainda mais a minha vida, visto que pedi que ela me liberasse das aulas finais devido as aulas na escola que eu trabalho reiniciarem no presencial, entretanto, ela disse que se eu faltasse seria reprovada.”

Quando questionadas sobre as contribuições da atividade do Estágio obrigatório para a formação docente, a **entrevistada 1** disse que “o maior aprendizado de todos, com certeza é que ser professor da rede pública é ter jogo de cintura porque pelas coisas que a gente vivenciou, a gente viu que as condições não são muito boas ao mesmo tempo eu vi que realmente as pessoas que assumem, quando assumem ser professores tem que ter um comprometimento muito grande porque estão lidando com pessoas né, crianças”. Já a **entrevistada 2** demonstrou certa indignação quanto alguns requisitos para a execução da atividade, ela disse que “(...) se o intuito do estágio é você ter um primeiro contato com a profissão que você vai seguir, o ideal é que, sei lá, dá pra você fazer isso no particular, dá pra aproveitar o seu estágio na particular o estágio remunerado”. Quando discutidas as diferenças entre a Educação Privada e a Educação Pública, ela reconheceu que a valorização do profissional de Educação acontece na Pública, mas nem sempre no particular, pois muitas vezes tratam a profissional, especialmente da Educação Infantil, como babás, mas deu a seguinte contribuição: “Se é uma coisa que tem que ser prestada a comunidade, no caso das públicas né, que é uma coisa da comunidade, que dê condições pra que o aluno faça. Seja liberando uma bolsa praquele semestre, para aqueles alunos que estão fazendo, já que não tem condição dele fazer enquanto tá’ trabalhando”. Já a **entrevistada 3** expressou uma experiência diferente, disse: “Acho que o estágio foi muito desnecessário no meu caso, que já estou no 6 ano trabalhando em escola privada e fui bolsista PIBID. Não acho que deveria ser obrigatório para quem participa desses programas da própria universidade ou tem estágio em cargo compatível comprovado”. Opinião parecida com a entrevista 2.

Para finalizar a entrevista, deixei livre para falarem algo que gostariam que tivesse sido perguntado, antes dos agradecimentos pela importante participação. A **entrevistada 1** disse “(...) é inaceitável que um curso que começou pra’ atender às demandas do aluno-trabalhador né, tenha colocado estágios que são no turno da tarde. Então assim, eu sou uma pessoa que reconhece que teve muitíssimos privilégios por conseguir negociar as saídas sem me prejudicar

no trabalho, assim de ser demitida ou ficar uma impressão negativa. Eu tive que diminuir o salário né, por causa dos descontos que foram feitos e foi muito cansativo (risada nervosa) mas eu tive possibilidade de fazer e eu sei que muitos colegas não têm, colegas que precisam se demitir, então essa é uma crítica que a gente precisa fazer para o currículo do curso, porque é inaceitável que um curso que surgiu como a possibilidade de atender a demanda dos alunos-trabalhadores tenha atividades obrigatórias durante o dia, entendeu? É inaceitável”. A **entrevistada 2** disse “eu acho que isso devia partir agora dos alunos, fazer uma grande manifestação, alguma coisa porque os professores, eles não ligam pra’ agilizar isso. Não ligam porque talvez não seja do interesse deles, né. quem tem que correr atrás da formação é a gente aluno. Infelizmente é a gente. Então eu acho que a comunidade acadêmica do curso de pedagogia que enfrentou esse problema, principalmente do noturno que é um turno de trabalhador, deveria ter feito uma grande manifestação pra’ que isso mudasse sabe, escrevesse ofício, fosse no ministério público, sei lá, fizesse alguma grande coisa. Porque fica perguntando pra’ professor, professor não vai resolver é muito menos vai atrás disso porque não é do interesse deles”. E a **entrevistada 3** finalizou dizendo “gostaria de destacar a incongruência da FAGED em específico com o aluno do curso noturno, já que a faculdade por escolha própria não aceita estágios remunerados, e em outras licenciaturas isso acontece sim, tenho a Letras como um exemplo. Isso torna incompatível o sustento do aluno do curso noturno e a formação universitária. Eu tive sorte, muita sorte, de conseguir realizar na pandemia, mas se não fosse por isso, eu não teria me formado, e isso é gravíssimo. Cai em uma contradição muito grande no próprio discurso da Universidade em ser acessível para todos, quando na realidade a Pedagogia é um dos cursos mais elitistas e incoerentes quanto a discurso e sua prática”.

Visto isso, nota-se um profundo sentimento de indignação dos alunos quanto aos requisitos dessa atividade obrigatória no currículo, até tira-se proveito dos aprendizados adquiridos com essa experiência, mas a falta de recursos oferecidos para a permanência e mesmo a realização dessa atividade são inexistentes e por conta disso, percebe-se grande preocupação desses indivíduos quanto aos custos financeiros do Estágio obrigatório.

É importante destacar também que as medidas tomadas durante o período pandêmico que tornaram o ensino remoto, foi a única alternativa encontrada para minimizar os impactos da transmissão viral e garantir a segurança dos alunos, professores e todos os profissionais da instituição, bem como suas famílias. Depois de muita resistência e atenção para não contribuir para o desmonte da Educação.

4. CONCLUSÃO

Buscou-se discutir questões importantes para a permanência do aluno-trabalhador na Universidade pública, como a compreensão por parte da Instituição que essa classe precisa ser olhada com mais empatia, para não tornar o ensino elitista e excludente.

O curso noturno de Pedagogia é frequentado, em sua maioria, por alunos que precisam dividir seu tempo entre as responsabilidades laborais e a rotina acadêmica, ficou claro que não é fácil a conciliação, porém o aluno-trabalhador se esforça para concluir a graduação com a melhor qualidade possível, respeitando seus limites físicos e psicológicos.

Quais as maiores dificuldades encontradas pelo aluno - trabalhador? A mecanização dos serviços educacionais dificulta ainda mais a permanência desses alunos que precisam lidar com duplas e até triplas jornadas, já que outro fator que ficou evidente com a pesquisa foi a considerável parcela de graduandos em Pedagogia ser do sexo feminino. Por conta do patriarcado e subjugação estrutural, essas mulheres encontram ainda mais dificuldades para alcançar um diploma de Ensino Superior, por conta da maternidade e da vida doméstica.

Como é a participação desse aluno-trabalhador nas atividades promovidas pela instituição de ensino? Eventos oferecidos pela Universidade, como palestras ou grupos de estudo que são inviáveis para o aluno que precisa trabalhar durante o dia, dificultando que este acumule horas complementares importantes para a conclusão da graduação.

. Como lidam ao se depararem com uma situação de impasse trabalho X universidade? Embora exaustos, o aluno-trabalhador busca medidas para melhorar sua qualidade de vida, seja conversando com o professor do semestre e pedindo compreensão e/ou se beneficiando com auxílios oferecidos pela Instituição para permanência do aluno na Universidade. Porém, apenas ações individuais foram encontradas. Para uma real mudança na realidade do aluno-trabalhador, ações coletivas precisariam ser tomadas, pois é inaceitável um aluno precise pedir desligamento da sua atividade remunerada, essencial para sua sobrevivência e permanência na Universidade, pois é a única maneira que encontra para concluir atividades como o Estágio obrigatório supervisionado, OBRIGATÓRIO para a conclusão da graduação, mas oferecido apenas nos turnos da manhã e tarde, sem dar nenhuma condição para o aluno que trabalha em horário comercial e frequenta a faculdade à noite. Mas como esse indivíduo poderia participar dessas manifestações coletivas se tem dificuldades até em acompanhar as aulas por conta do pouco tempo disponível?

Sobre a Questão de Pesquisa: **Como a relação estudo-trabalhador e as burocracias para a formação inicial afeta o bem-estar físico e psicológico dos estudantes no seu processo de formação profissional?** A maior e mais destacada consequência dessa sobrecarga diária na rotina foi a ansiedade gerada por grandes pressões sociais para essa classe. Impossibilitadas de adquirir e desenvolver *aptidões* (habilidades) importantes para o sucesso acadêmico, como disciplina e concentração. Esse indivíduo se frustra com a Universidade, se responsabilizando por fracassos que, talvez, não aconteceriam se pudesse focar apenas na sua formação.

Portanto, a desmotivação com o curso pode levar à evasão ou uma graduação sem muitos aprendizados. As notas dadas ao Índice de Rendimento Acadêmico (IRA) são importantes para as questões burocráticas da Universidade, como classificação para bolsas e vagas em disciplinas, mas por outro lado, classificam os estudantes como abaixo ou acima da média, o que segrega um grupo muito específico que não tem todo seu esforço levado em consideração, já que longos deslocamentos e altas jornadas de trabalho não são critérios para pontuar no IRA, diferente de notas altas em avaliações, assiduidade e participação nas aulas, nem sempre possíveis para o aluno que vai do trabalho para a faculdade, muitas vezes atrasado, e precisa fazer suas leituras no movimento do transporte público.

Durante a Pandemia da Covid-19, a atividade de Estágio obrigatório supervisionado foi flexibilizada para atender a todos os alunos, independentes de serem alunos-trabalhadores ou não, por conta do momento de histórico onde as Escolas continuaram suas atividades em ensino remoto para proteger os alunos e os profissionais de Educação. Por dois anos, alguns alunos, tiraram proveito desse momento e aceleraram sua formação, pela facilidade de não precisar estar presencialmente na atividade. Porém, outra parcela, significativa, se sentiu prejudicada por não conseguir se matricular e precisar fazer a atividade só após a retomada presencial.

Conclui-se a necessidade de rediscutir, junto à comunidade acadêmica, medidas concretas para minimizar os impactos negativos advindos de processos burocráticos e pedagógicos que seguem dificultando a formação de estudantes trabalhadores. Espera-se que esse trabalho possa provocar reflexões por parte dos pesquisadores que investigam as dificuldades enfrentadas pelo aluno-trabalhador em formação inicial.

5. REFERÊNCIAS

- BERNARDELLI, Luan Vinicius *et al.* A ansiedade no meio universitário e sua relação com as habilidades sociais. Campinas: Revista da Avaliação da Educação Superior. 2022. Disponível em [SciELO - Brasil - A ansiedade no meio universitário e sua relação com as habilidades sociais A ansiedade no meio universitário e sua relação com as habilidades sociais](#). Acesso em 06 de dezembro de 2022.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- FERREIRA, Luciano; BARROS, Rui Marcos de Oliveira. **Uma análise do discurso do aluno trabalhador acerca de sua evasão: caso específico do curso de Matemática da UEM**. Artigo • Educ. rev. 34 • 2018. Disponível em [SciELO - Brasil - uma análise do discurso do aluno trabalhador acerca de sua evasão: caso específico do curso de matemática da UEM uma análise do discurso do aluno trabalhador acerca de sua evasão: caso específico do curso de matemática da UEM](#). Acesso em 03 de julho de 2022.
- FREITAS, Lorena Rodrigues Tavares de. **A má-fé institucional na reprodução da desigualdade escolar no Brasil**. In: XVII CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGÍA, 2009, Buenos Aires.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MARANHÃO, Jucilene Dias; VERAS, Renata Meira. **O ensino noturno na Universidade Federal da Bahia: percepções dos estudantes**. Ensaio: aval. pol. públ. educ. 25 (96) • Jul-Sep 2017. Disponível em: [SciELO - Brasil - O ensino noturno na Universidade Federal da Bahia: percepções dos estudantes O ensino noturno na Universidade Federal da Bahia: percepções dos estudantes](#). Acesso em 03 de julho de 2022.
- NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Escritos de Educação**. 9. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- RESENDE, Carlos Alexandre. **Recursos metodológicos em pesquisas qualitativas com adolescentes**. Minas Gerais: Reuni/Capes. 2008.
- RISCO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/risco/>. Acesso em 07 de novembro de 2022.
- SALES, Yuri de Nóbrega; BESERRA, Bernadete de Lourdes. **A pesquisa etnográfica e o ensino da Antropologia da Educação: Diários de campo e as surpresas da reflexividade**. Debates em Educação. Vol. 11 | Nº. 23 | Jan./Abr. | 2019. Disponível em [cd6f9d6c66120a519113af1ec3abe9010f31.pdf \(semanticscholar.org\)](#). Acesso em 03 de julho de 2022.

SOUZA, Celine. **Políticas Públicas:** questões temáticas e de pesquisa. CADERNO CRH, Salvador, n. 39, p. 11-24, jul./dez. 2003. Disponível em [Microsoft Word - Introdução - Celina Souza.doc \(ufba.br\)](#). Acesso em 03 de julho de 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. Ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ANEXO I – QUESTIONÁRIO

1. Nome e Idade
2. curso e turno
3. Ano que iniciou essa graduação.
4. Desempenha alguma atividade remunerada enquanto cursa essa graduação? conte um pouco dessa trajetória.
5. Encontrou dificuldades para conciliar estudos e trabalho? Quais?
6. Tem disponibilidade para participar dos eventos ofertados pela Universidade e/ou movimentos estudantis?
7. Já concluiu algum estágio obrigatório? conte como conciliou com o trabalho remunerado.
8. Quanto tempo do dia reserva para fazer as leituras dos textos das aulas? conte como organiza sua rotina de leitura.
9. Que influencia a nota do IRA tem sobre sua motivação acadêmica? Já se sentiu ou se sente frustrado com seu rendimento nesse curso a ponto de pensar em trancar?
10. Já se atrasou ou se atrasa para as aulas por conta do trabalho? conte um pouco sobre essa rotina.
11. Já teve interesse em se candidatar para alguma bolsa da Universidade e desistiu por conta de o requisito “não possuir atividade remunerada”? conte como se sentiu.
12. Já sofreu constrangimentos por parte do empregador ou de professores por algum conflito nessa relação aluno-trabalhador e formação inicial burocrática? Conte como foi.
13. Como está sua saúde mental nessa relação aluno-trabalhador e formação inicial burocrática? Que medidas encontrou para lhe ajudar nesse momento?

(OPCIONAL) Deixe uma mensagem para essa aluna-trabalhadora vencendo o Sistema. 🙌

ANEXO II – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Primeiro Nome, idade
2. Curso e turno
3. Ano que iniciou a graduação.
4. Exerce alguma atividade remunerada?
5. Como concilia com a rotina acadêmica?
6. Como foi a experiência com a atividade de estágio supervisionado?
7. Quais as preocupações antes de se matricular?
8. Como foi a negociação com o empregador para ser liberada para a atividade?
9. Como lidou com os custos? (transporte, alimentação, etc.)
10. Sentiu que a professora do estágio e a coordenação compreendiam a suas necessidades por ser aluna-trabalhadora?
11. A experiência do estágio contribuiu de forma satisfatória para seu processo de formação docente?
12. Quais foram os maiores aprendizados?
13. Tem alguma coisa sobre as dificuldades que o aluno trabalhador enfrenta para concluir esse estágio obrigatório que gostaria de falar e eu não perguntei?